

ISRAELL RICARDO DE MELO



**SÓCIOECONOMIA DOS PRODUTORES DE CACAU NATIVO DO
MÉDIO RIO PURUS, AM**

RIO BRANCO
2010

ISRAELL RICARDO DE MELO

**SÓCIOECONOMIA DOS PRODUTORES DE CACAU NATIVO DO
MÉDIO RIO PURUS, AM**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Engenharia Florestal,
Centro de Ciências Biológicas e da
Natureza, Universidade Federal do Acre,
como parte das exigências para a
obtenção do título de Engenheiro Florestal

Orientador: Prof. Dr. Ecio Rodrigues

RIO BRANCO

2010

À minha família
Pelo apoio para vencer mais este desafio
Dedico

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e aos meus pais, Pedro Lima de Melo Sobrinho e a Marfiza Ricardo de Melo, responsáveis por minha existência.

As minhas filhas Giovanna e Ana Livia, por existirem.

A minha companheira Janayra de Lima Rodrigues Linard, pelo apoio e incentivo, amor e carinho, e amizade.

Ao meu orientador, professor Ecio Rodrigues, pelo apoio científico, diretrizes e acompanhamento do trabalho em todas as suas fases.

A Universidade Federal do Acre, especialmente ao Curso de Engenharia Florestal, pela oportunidade.

Aos professores do Curso de Engenharia Florestal pelas informações recebidas e conhecimentos adquiridos em suas disciplinas.

Aos membros da banca examinadora pela análise crítica deste trabalho bem como pelas valiosas sugestões apresentadas.

Ao amigo Alexandre Lins pelo apoio e ajuda imprescindíveis ao trabalho de campo e análise de dados.

Aos amigos Hudson e Kaline, Zulmiro e Thiego, Jaércio e Mário, Karen e Ana Paula, Harley e Cléber pelo apoio, amizade, companheirismo e solidariedade em todos os momentos desta Caminhada.

Aos amigos da PROGRAD/COCAM Sandreli e Grace, Márcio e Eliana, Ismar e Jorge, Anderson e Rossilene, Eunice e Sergio Brazil, pelo convívio e amizade.

Aos amigos do Ministério Universidade Renovadas, Cláudia e Iriam, Bruna e Jakeline, Gislaine e Geise, Claudiane e Érica, Eder e Erika, Dani e Danilo, Ulysses e Odair, Felipe e Tamiris, pela amizade e solidariedade em todos os momentos desta Caminhada.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que fosse possível a realização do trabalho de pesquisa, a elaboração da monografia e a conclusão deste curso.

“Para vencer uma competição, renuncia-se a muitas coisas para ganhar o prêmio. Porém, nós fazemos sacrifício por uma recompensa celestial que nunca parecerá”

I Coríntios 9, 25.

RESUMO

O município de Boca do Acre vem se destacando como importante pólo pecuário, sobretudo na produção de gado destinada ao abastecimento de outras regiões e para exportação. O município possui o maior rebanho bovino do Estado do Amazonas. Dessa forma, o Rio Purus consolida-se como via fluvial de escoamento. Aliado a isso, nas várzeas do rio encontra-se famílias de ribeirinhos que vivem adaptadas ao regime natural de enchente e vazante. Ocupam áreas que surgem durante a seca, principalmente nas comunidades mais organizadas, cultivando nas praias, culturas como feijão, mandioca e melancia e no período de cheia, praticam o extrativismo florestal com destaque para: cacau, borracha e peixe. Esse trabalho se ocupou da socioeconomia envolvida na produção extrativista de cacau. Em 2005, com a procura pelo cacau nativo por parte da empresa Bremer HACHEZ Chocolate GmbH & CoKG da Alemanha, supriu uma nova oportunidade de renda para os extrativistas, elevando os indicadores sociais e econômicos. O principal objetivo dessa monografia foi diagnosticar esses indicadores sociais e econômicos, sobre o cotidiano das comunidades extrativistas, identificando a participação do extrativismo de cacau na composição da renda familiar. Utilizando-se, como metodologia a aplicação de um formulário que abrange todas as comunidades. Os resultados principais indicam que 43,6% dos entrevistados são analfabetos. As condições de saúde são precárias, pois não existe posto de saúde, assistência médica e odontológica. O extrativismo de cacau é a maneira para os ribeirinhos conseguirem dinheiro, em moeda, já que a maioria deles se dedica apenas à agricultura de subsistência e a criação de animais domésticos. Conclui-se que futuras ações na comunidade devem contemplar a conscientização dos agricultores para reivindicação, junto aos órgãos de política pública, de direitos básicos em saúde, educação e assistência técnica e crédito rural.

Palavras-chave: Socioeconomia. Extrativismo. Cacau nativo. Amazônia.

ABSTRACT

The city of Boca do Acre has been highlighted as an important pole livestock, especially in livestock production for supply to other regions and for export. The city has the largest cattle herd in the state of Amazonas. Thus, the Rio Purus consolidated as waterway outlets. Allied to this, in the floodplains of the river is riparian families living adapted to the natural regime of high and low tide. Occupy areas that arise during the drought, especially in the more organized communities, growing on the beaches, crops such as beans, cassava and watermelon and during the flooding, practice with emphasis on extractive forest: cocoa, rubber and fish. This work has dealt the socioeconomics involved in extractive production of cocoa. In 2005, with demand for cocoa by the company's native HACHEZ Bremer Chocolate GmbH & CoKG Germany, supplied a new income opportunity for foragers, bringing economic and social indicators. The main objective of this thesis was to diagnose these social and economic indicators on the daily lives of extractive communities, identifying the contribution from the extraction of cocoa in the composition of household income. Using as a methodology to apply a form that includes all communities. Principais results indicate that 43.6% of respondents are illiterate. Health conditions are precarious because there is no health post, medical and dental care. The extraction of cocoa is the way to the riverine get money, currency since most of them engaged only in subsistence farming and animal husbandry. We conclude that future actions in the community should include awareness of farmers to claim, to the organs of public policy, basic rights in health, education and technical assistance and rural credit.

Keywords: Socioeconomics. Extraction. Cocoa native. Amazon.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa de localização da bacia hidrográfica do Rio Purus	28
FIGURA 2 - Elementos que compõem o relevo e a vegetação da várzea	30
FIGURA 3 - Mapa da área de estudo da ocorrência do cacau nativo na várzea do Rio Purus – AM.....	41
FIGURA 4 - Cacaueiro nativo.....	88
FIGURA 5 - Transporte do cacau.....	88
FIGURA 6 - Barco de coleta do cacau	88
FIGURA 7 - Quebras do fruto no barco	88
FIGURA 8 - Amêndoas fermentando	88
FIGURA 9 - Secagem das sementes	88
FIGURA 10 - Entrevista com José	89
FIGURA 11 - Entrevista com Francisco.....	89
FIGURA 12 - Casa de madeira serrada	89
FIGURA 13 - Casa de paixuba.....	89
FIGURA 14 - Produtor fazendo farinha	89
FIGURA 15 - Criança retirando leite.....	89

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - População por situação de domicílio do município de Boca do Acre	21
TABELA 2 - População residente por faixa etária e sexo do município de Boca do Acre.....	21
TABELA 3 - Índice de desenvolvimento humano dos municípios de Boca do Acre, Manaus e São Caetano do Sul, SP de 1991 e 2000	22
TABELA 4 - Participação percentual no PIB de Boca do Acre	24
TABELA 5 - Lavoura temporária do município de Boca do Acre.....	25
TABELA 6 - Lavoura permanente município de Boca do Acre	25
TABELA 7 - Efetivo de rebanhos do município de Boca do Acre	26
TABELA 8 - Extração vegetal do município de Boca do Acre	26

TABELA 9 - Distribuição da produção brasileira de cacau e área em produção em 1976	36
TABELA 10 - Produção anual de grãos nas comunidades.....	57
TABELA 11 - Culturas de ciclo médio registradas.....	58
TABELA 12 - Principais frutíferas cultivadas nas comunidades	59
TABELA 13 - Espécies vegetais extrativistas registradas	59
TABELA 14 - Animais domésticos criados e produtos de origem animal	60
TABELA 15 - Espécies que as famílias costumam caçar	61

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Pirâmide etária do município de Boca do Acre	22
GRÁFICO 2 - Gráfico do crescimento bruto de Boca do Acre.....	23
GRÁFICO 3 - Participação de produtores colhendo.....	38
GRÁFICO 4 - Unidade Federativa de nascimento dos entrevistados	44
GRÁFICO 5 - Sexo do responsável pela casa	45
GRÁFICO 6 - Situação conjugal do responsável pela casa	45
GRÁFICO 7 - Documentos que o responsável pela casa possui	46
GRÁFICO 8 - Nível de escolaridade do responsável pela casa	47
GRÁFICO 9 - Faixa etária dos indivíduos na Bacia do Médio Purus	47
GRÁFICO 10 - Faixa etária dos indivíduos no Município de Boca do Acre.....	48
GRÁFICO 11 - Nível de escolaridade dos integrantes das famílias	49
GRÁFICO 12 - Número de Cômodos das Moradias	50
GRÁFICO 13 - Número de Habitantes por Moradia	51
GRÁFICO 14 - Tempo de moradia na comunidade	51
GRÁFICO 15 - Tamanho da área de roçado sob domínio exclusivo.....	54
GRÁFICO 16 - Tamanho da área utilizada para pasto sob domínio exclusivo.....	54
GRÁFICO 17 - Número de moradores que trabalham na produção Agroextrativista.....	55
GRÁFICO 18 - Idade que as crianças passam ajudar nas atividades.....	55
GRÁFICO 19 - Valor do Bolsa-Família recebido por moradores.....	56
GRÁFICO 20 - Valor das dívidas	57
GRÁFICO 21 - Onde costumam vender a produção agroextrativista.....	62

GRÁFICO 22 - O porquê de não extrair cacau.....	65
---	----

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A - Formulário do levantamento sócio-econômico modelo A.....	75
APÊNDICE B - Formulário do levantamento sócio-econômico modelo B.....	86

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A - Fotos do sistema produtivo do cacau nativo	88
ANEXO B - Fotos da realidade dos produtores de cacau nativo.....	89

LISTA DE SIGLAS

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
 COOPERAR - Cooperativa Agroextrativista do Mapiá e Médio Purus
 CEPLAC - Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira
 IDAM - Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas
 GTZ - Agência de Cooperação Técnica Alemã
 UFAC - Universidade Federal do Acre

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 SÍNTESE DO RELATÓRIO DA 1ª EXPEDIÇÃO	16
1.2 SÍNTESE DO RELATÓRIO DA 2ª EXPEDIÇÃO	17
2 REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BOCA DO ACRE	18
2.1.1 Aspectos históricos	18
2.1.2 Aspectos físicos e geográficos	20
2.1.3 Aspectos populacionais	20
2.1.4 Aspectos econômicos	23
2.1.4.1 Setor primário	24
2.1.4.2 Setor secundário	27
2.2 BACIA DO RIO PURUS	27
2.3 A VÁRZEA	29
2.4 EXTRATIVISMOS NA AMAZÔNIA	31
2.4.1 A diminuição do extrativismo	32
2.5 HISTÓRICOS DO CACAU NA AMAZÔNIA	34
2.5.1 Processo de domesticação e abandono do extrativismo do cacau	35
2.5.2 Criação da CEPLAC	36
2.5.3 O cacau em Boca do Acre após 2006	37
2.6 MANEJO FLORESTAL COMUNITÁRIO	38
2.7 LEVANTAMENTO SÓCIO-ECONÔMICO	39
3 MATERIAL E MÉTODOS	40
3.1 ÁREA DE ESTUDO	41
3.2 MÉTODO	41
3.3 EQUIPE DE LEVANTAMENTO, PLANEJAMENTO E PROCESSAMENTO	43
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
4.1 ESTUDO SÓCIOECONÔMICO	43
4.1.1 Aspectos sociais	44
4.1.1.1 Origem	44
4.1.1.2 Informações sobre o responsável pela casa	44

4.1.1.3 Número de indivíduos por faixa etária e escolaridade.....	47
4.1.1.4 Saúde	49
4.1.1.5 Moradia	50
4.1.1.6 Situação fundiária.....	52
4.1.1.7 Organização comunitária.....	52
4.1.2 Aspectos econômicos.....	52
4.1.2.1 Área sob domínio da família e utilizações	53
4.1.2.2 Composição e atividades desenvolvidas pelos membros das famílias	54
4.1.2.3 Renda das famílias.....	56
4.1.2.4 Cultura de subsistência	57
4.1.2.5 Outros cultivos.....	58
4.1.2.6 Frutas cultivadas	58
4.1.2.7 Extrativismo	59
4.1.2.8 Criações e produtos de origem animal	60
4.1.2.9 Caça	61
4.1.2.10 Pesca	62
4.1.2.11 Local de venda da produção	62
4.1.3 Aspectos relacionados à produção de cacau	63
4.1.3.1 A pretensão de continuar a extração de cacau	63
4.1.3.2 Modo de extração cacau do nativo	63
4.1.3.3 Ocorrência de plantação e pretensão de plantar	64
4.1.3.4 Algum produto rende mais pelo dia trabalhado do que cacau.....	64
4.1.3.5 O porquê de não coletar frutos de cacau	65
5 CONCLUSÕES	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	68
GLOSSÁRIO	73
APÊNDICE	74
ANEXO	87

1 INTRODUÇÃO

A ocupação da bacia do Purus se mostra atrelada, em primeiro lugar, ao esforço de políticas públicas que se iniciaram com o ciclo da borracha, no final do século XIX. Posteriormente se estenderam pelo século XX, acentuando-se na década de 1970, com elevado investimento público para, desenvolvimento da agropecuária, em especial, a produção de carne de gado.

Por apresentar esta diversidade de ambientes, em toda a sua extensão, a bacia do Rio Purus possui também distintos modos de uso e ocupação do solo por parte das comunidades que ali se estabelecem. Ou seja, extrativismo florestal e pecuária alteraram a paisagem local.

De maneira geral, a população que vive neste ambiente está adaptada ao regime natural de enchente e vazante, e às condições de vida extremas. Ocupam espaços durante a seca, principalmente nas comunidades mais organizadas, cultivam nas praias - culturas de feijão, mandioca e melancia – e praticam extrativismo florestal no período de cheia, extraíndo principalmente castanha e cacau e se beneficiando do elevado potencial piscícola do Purus.

Com as secas extremas nunca observadas e com alagações igualmente atípicas, o Purus parece estar em desequilíbrio, devido provavelmente aos resultados dos processos de antropização e desmatamento realizado na área de influência da Bacia Hidrográfica, sobretudo na Mata Ciliar. Os produtores sabem disso, por isso, a atividade do Manejo Florestal Comunitário do Cacau e de outras espécies se configura como alternativas imprescindível para frear esse processo de ocupação que substitui o ecossistema florestal.

Sendo assim, as principais atividades econômicas das famílias, como a pesca e a agricultura de subsistência, correm riscos. Pois os efeitos das alterações climáticas têm-se elevado de forma preocupante.

Por outro lado, do ponto de vista econômico, o município de Boca do Acre vem se destacando como um grande pólo pecuário, sobretudo na criação bovina destinada ao abastecimento de vários municípios na região Norte e Centro Oeste. O município ostenta a posição de primeiro rebanho bovino do Estado do Amazonas.

Com a implantação de um frigorífico, em janeiro de 2003, o município passou a escoar sua carne fresca principalmente para o abastecimento do mercado de Manaus, Rio Branco, e Porto Velho. Dessa forma, o rio Purus consolida-se como via fluvial preferencial para escoamento, altamente competitiva.

Estima-se que o crescimento da bovinocultura é da ordem de 10% ao ano. As características da região são favoráveis ao desenvolvimento dessa atividade, principalmente em função da disponibilidade de grandes áreas de planície com solos férteis. Essas configurações favorecem a conversão da floresta em pasto, provocando significativa perda da cobertura florestal na região do cacau nativo. A conclusão óbvia é que as taxas de desmatamento crescem em proporção da pecuária.

Isso implica uma reformulação das estratégias atual da política ambiental, na busca pelo desenvolvimento sustentável e no sentido de desenvolver uma política social específica de inclusão, com caráter de promoção, e não apenas de proteção social, e também de se fomentar instrumentos e forma de organizações adequadas a esses objetivos.

Aliado a isso, nas várzeas dos Rios Amazônicos o cacaueiro encontra-se explorado de forma extrativista, visando conservar essas áreas, dando-lhes novas dimensões econômicas e sociais, sem prejuízos ao ecossistema florestal.

Sendo assim, em 2005, com a procura pelo cacau nativo por parte da empresa Bremer HACHEZ Chocolate GmbH & CoKG, Alemanha, surgiu então uma nova oportunidade de renda para Cooperativa Agroextrativista do Mapiá e Médio Purus, a Cooperar, que procurar ampliar a exploração do cacau a novas áreas em condição silvestre.

Contudo, com ampliação da demanda alemã pelas sementes de cacau e devido a uma baixa oferta nos anos seguintes a 2005, as famílias produtoras e os compradores ficaram igualmente desanimados. Com a flutuação natural de oferta na qual um ano o cacaueiro produz mais e no outro menos, e devido à sua condição de pobreza e inexistência de alternativa para o trabalho formal, as famílias, para garantirem a sua subsistência, adotaram uma tática que tem como princípio econômico a diversificação das atividades produtivas, ou seja, os integrantes da família se engajam em várias atividades, tais como: agricultura, pesca, extrativismo

florestal (fauna e flora) ou até mesmo, como diaristas, tudo isso na intenção de garantir sua sobrevivência.

Estas comunidades são consideradas exemplos para uso do manejo comunitário e uso sustentável de recursos florestais na Amazônia. Por séculos, elas desenvolvem práticas de conservação dos solos, água, fauna e flora, mantendo a integridade das florestas de várzea como principal fonte de recursos para seu próprio desenvolvimento sócioeconômico.

Desde o início dessa retomada da atividade extrativa do cacau na região do médio Purus, em 2006, diversas melhorias sociais têm sido levadas a comunidades da região, em função da organização social dos produtores e da articulação de diversas parcerias institucionais, por meio Cooperativa Agroextrativista do Mapiá e Médio Purus.

Como exemplo, algumas comunidades foram beneficiadas com a implantação de estrutura para fermentação, secagem e armazenamento de sementes e muitas comunidades serão beneficiadas com a implantação de geradores de energia, com a regularização fundiária, com a oferta e melhoria dos serviços de educação e saúde, medidas que vêm sendo articuladas pela Cooperar com apoio da Agência de Cooperação Técnica Alemã - GTZ.

É nesse contexto que se insere a presente monografia. Buscando promover a melhoria das condições de vida dos agricultores familiares do médio Rio Purus, por meio de extensão tecnológica inovadora para o manejo florestal de uso múltiplo com foco no cacaueiro nativo da Amazônia, além de produzir indicadores sociais e econômicos, sobre o cotidiano das comunidades extrativistas que vivem às margens do Rio Purus, identificando a participação do extrativismo de cacau na formação da renda familiar, caracterizando o processo de produção extrativista e agropecuário e sua importância na composição da estrutura de trabalho das famílias, diagnosticando o histórico da ocupação social e produtiva da Bacia Hidrográfica do Rio Purus, subsidiando tomadas de decisão em programas de Extensão Florestal subsidiários à promoção do Manejo Florestal Comunitário e disseminando, junto a instituições de ensino superior, pesquisa, assistência técnica e extensão florestal da Amazônia, os conhecimentos gerados.

Nos dois itens a seguir são apresentadas informações sobre o projeto financiado no âmbito dos editais do CNPq que propiciaram os meios para realização do presente estudo.

1.1 SÍNTESE DO RELATÓRIO DA 1ª EXPEDIÇÃO

Segundo Rodrigues et al. 2008 a primeira expedição foi realizada no período de 16 a 25 de maio de 2008, quando os Engenheiros Florestais estiveram no município de Boca do Acre, no Amazonas, para conhecer o rio Purus e o Manejo Comunitário praticado pela Cooperar.

A expedição fez parte das atividades inseridas no projeto Manejo Florestal Comunitário na Várzea do Rio Purus, aprovado no âmbito do Edital 036 do CNPq, fruto de uma ampla parceria firmada entre representantes da academia, de institutos de pesquisas, de empresas de extensão florestal e a Cooperar. Além do importante envolvimento da Universidade de Freiburg, da Alemanha.

A equipe do projeto cumpriu uma extensa agenda, que envolvia uma rodada de reuniões com a Cooperar para discussão dos objetivos do projeto, visita às áreas de extração de cacau, conhecimento do sistema de escoamento da produção e diagnóstico das doenças do cacauzeiro.

O objetivo principal da expedição era contribuir para que a produção de cacau oriunda da várzea do Purus, realizada pelos extrativistas, pudesse ser organizada com a elaboração do Plano de Manejo Florestal Comunitário, o que daria a requerida sustentabilidade a essa produção.

O compromisso firmado entre a equipe do projeto e a Cooperar, que justificou o apoio do CNPq, envolvia a realização de um intenso processo de inovação tecnológica direcionada à melhoria do processo produtivo atualmente praticado.

O desafio maior do projeto era demonstrar que, com a tecnologia do manejo florestal, é possível produzir o cacau sem a necessidade de plantios. Um desafio complexo e que irá exigir da equipe muita criatividade.

1.2 SÍNTESE DO RELATÓRIO DA 2ª EXPEDIÇÃO

A segunda expedição, segundo Rodrigues et al. 2009 foi realizada no período de fevereiro a março de 2009. Onde o foco principal era à execução do Inventário Florestal e do Levantamento Sócioeconômico que forneceram informações importantes para elaboração do Plano de Manejo do Cacau Nativo.

Para inventariar o cacau nativo do Purus foi preciso conceber novas metodologias ao Inventário Florestal, que permitiram aferir a ocorrência da espécie e também fornecer informações acerca das espécies florestais a ele associadas. Pois o cacau em sua primeira fase de crescimento é sensível à exposição ao sol. Por isso deve ser ombreado em intensidades variadas de fechamento da cobertura.

Sendo assim, o inventário do cacaueiro nativo (*Theobroma cacao* L.), na região de várzea do rio Purus, AM, foi realizado de acordo com a amostragem sistemática, com unidades amostrais do tipo conglomerado.

Cada conglomerado (unidade primária) sendo formado por três unidades secundárias de 20 m x 200 m (4.000 m²), equidistantes de 800 m entre si, de forma que a primeira unidade secundária se localizará a 200 m da cota máxima do rio Purus

Já o levantamento entrevistou todas as famílias residentes na margem do Purus, no intuito de obter dados sociais e econômicos daquela realidade. Contando com apoio de um barco residência, onde ficaram hospedados e fizeram suas refeições. Também contaram com uma voadeira e motor de 40 HP, para ações de emergência.

As entrevistas em 100% da população residente foram realizadas com emprego de formulário elaborado com base nas experiências já realizadas em levantamentos semelhantes no Acre, como na Floresta Estadual do Antimary e Reserva Extrativista do São Luis do Remanso. Com 6 páginas e mais de 100 questões. O formulário foi bem abrangente e conseguiu captar toda realidade social e econômica que envolve os produtores de cacau nativo do Purus.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na Amazônia, existem dois ecossistemas bem delimitados e diferentes quanto a sua exploração: as áreas de várzeas e as de terra firme.

Na terra firme, encontram-se formações florestais, distribuídas em dois grandes grupos: Densa e Aberta, que devido aos sucessivos desmatamentos para fins agropecuários, corre o risco de se transformar em floresta secundária (ou capoeira), de diferentes estágios de regeneração ou até mesmo converterem-se em áreas alteradas.

Nas áreas de várzea – aquelas situadas próximas às margens dos rios alagáveis com ocorrência de inundações – predominam, naturalmente, grandes extensões de açaizais, buritizais e cacaueiros, entre outros.

Nesse ambiente de várzea, destaque-se a Bacia Hidrográfica do Rio Purus que corta o município de Boca do Acre será caracterizada mais adiante juntamente com extrativismo na região e sua diminuição, também será discutido o histórico do cacau amazônico e sua influência no município visando o levantamento das diferentes informações ecológicas, econômicas e sociais.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BOCA DO ACRE

2.1.1 Aspectos históricos

A cidade de Boca do Acre nasceu do encontro dos rios Acre e Purus, em 3 de fevereiro de 1878, pois na região aportou o navio Anajás, de propriedade da Companhia de Navegação do Rio Amazonas, sob o comando do chefe da expedição, o Comendador João Gabriel de Carvalho e Melo (MELO, 2008).

Como o Comendador havia adquirido fortuna na exploração de borracha, nos seringais do Baixo Purus, resolveu explorar as terras, onde situa-se Boca do Acre, até então desconhecidas.

Segundo Melo (2008) Boca do Acre foi criada pelo Decreto Estadual nº 68, de 22 de outubro de 1890, com a denominação de Antimary, tendo sido instalado no planalto Terra Firme, margem esquerda do rio Purus, em 1891, pelo major Francisco Inácio Pinto, que fora nomeado o seu primeiro prefeito. Ali, edificou-se o primeiro núcleo populacional, com categoria de vila, sendo construídas as primeiras casa rústicas para o funcionamento burocrático, tais como: sede da prefeitura, escolas, mercado e delegacia de policia.

A política partidária da época dos grandes seringalistas do Acre e do Rio Antimary foi muito tumultuada nesse período, aconteceu a Revolução de Antimary, chefiada pelo coronel Francisco Monteiro, no ano de 1911. Os revoltosos imediatamente tomaram conta da vila e ocuparam os cargos de prefeito, delegado e outros postos administrativos importantes, realizando o que pode chamar de reforma administrativa geral, o que muito agradou à população. O governo do Estado, que não pactuava com os revoltosos, enviou um destacamento de cem praças da Policia Militar, todos os chefes dos revoltosos foram presos e levados a Júri Popular, na sede do município, depois dos debates, todos os réus foram absolvidos encerrando assim a contenda (MELO, 2008).

Depois de uma segunda revolução a Vila do Antimary entrou em decadência, tendo, em consequência, sido iniciada a mudança da sede para o local de Boca do Acre, no ano de 1934.

Localizada em terras baixas, o então governador do Estado Coronel Valter de Andrade não teve escolhas devido às circunstâncias naturais, transferiu a sede do município para o Platô do Piquiá, com alusão a uma nova cidade, que se chamaria de Valterlândia em homenagem a seu fundador.

Já na década de 70, com expansão das fronteiras agrícolas e pecuárias o município atravessou uma fase de grandes transformações: populacional e econômica. A corrida por novas terras, poderia ser para os que viam do sul, sudeste e centro-oeste, um novo eldorado. O Banco do Brasil se instalou no município, oferecendo a realização dos sonhos da produção. A exploração da castanha e da borracha, em decadência, mas ainda viva, se misturava ao embalo financeiro, trazido pelos investimentos dos novos habitantes.

2.1.2 Aspectos físicos e geográficos

A cidade de Boca do Acre é banhada pelo Rio Purus, que o atravessa de leste a oeste, recebendo em seu território, pela margem direita, os afluentes Acre e Iaco e, pela margem esquerda, o rio Inauini, cuja margem esquerda, em toda a sua extensão, fica em terras de Boca do Acre. Já o rio Acre tem como os afluentes rios Antimary e Andirá no território bocacrense.

O município está situado na 3ª sub-região, da região do Purus, inserida na Mesorregião Sul Amazonense, conforme classificação do IBGE. Fazendo limites com Lábrea, Acre e Pauní, possuindo uma área territorial de 22.410 km², estando distante da sede municipal de Manaus em linha reta 1.203 km e via fluvial 2.439 km, os rios principais Acre e Purus, o clima é classificado como Clima Tropical Chuvoso Úmido e tem uma temperatura média em torno de 29° C (IDAM, 2008).

Possui uma robusta floresta, com bons seringais e castanhais com grande valor econômico, que no final do século XIX e até metade do atual, foram os principais fatores de riqueza, cujo foi o motivo da rápida ocupação e povoamento de suas terras, ostenta em seu solo grande variedade de madeiras nobres, entre elas o cedro, o mogno, a aroeira, a andiroba, a cerejeira, a macauba, o pau-mulato, o ipê, o louro-chumbo, Angelim e muitas outras espécies (MELO, 2008).

2.1.3 Aspectos populacionais

No período 1991-2000, a população de Boca do Acre teve uma taxa média de crescimento anual de 0,87%, passando de 25.005 em 1991 para 26.959 em 2000 (TABELA 1), porém houve uma diminuição na população rural passando de 13.709 para 12.345 habitantes.

TABELA 1 - População por situação de domicílio do município de Boca do Acre

Demografia	Ano	
	1991	2000
População Total	25.005	26.959
Urbana	11.296	14.614
Rural	13.709	12.345
Taxa de Urbanização	45,17%	54,21%

Fonte: AMAZONAS (2009).

O êxodo rural parece ser significativo com o abandono das atividades de produção por mais de 1.000 produtores. A maior parte desse contingente dedicava-se à produção florestal.

Já se fazendo uma estimativa para 2009, a população seria de 31.221 habitantes, de acordo com dados da distribuição da população residente por faixas etárias (TABELA 2).

TABELA 2 - População residente por faixa etária e sexo do município de Boca do Acre

Faixa Etária (ano)	Masculino	Feminino	Total
	(Nº de indivíduos)		
Menor 1	348	332	680
1 a 4	1.463	1.359	2.822
5 a 9	2.040	1.808	3.848
10 a 14	1.875	1.683	3.558
15 a 19	1.782	1.565	3.347
20 a 29	3.303	2.842	6.145
30 a 39	2.130	1.976	4.106
40 a 49	1.350	1.265	2.615
50 a 59	988	901	1.889
60 a 69	651	575	1.226
70 a 79	365	341	706
80 e +	142	137	279
Total	16.437	14.784	31.221

Fonte: BRASIL (2009).

No GRÁFICO 1 mostra a pirâmide etária para município de Boca do Acre. Onde fica evidente uma elevada taxa de natalidade (pela a base é larga), uma taxa de mortalidade elevada (devido ao topo é estreito) e uma esperança média de vida baixa (pelo estreitamento rumo ao topo), sendo classificada como uma população jovem, característicos de países em desenvolvimento.

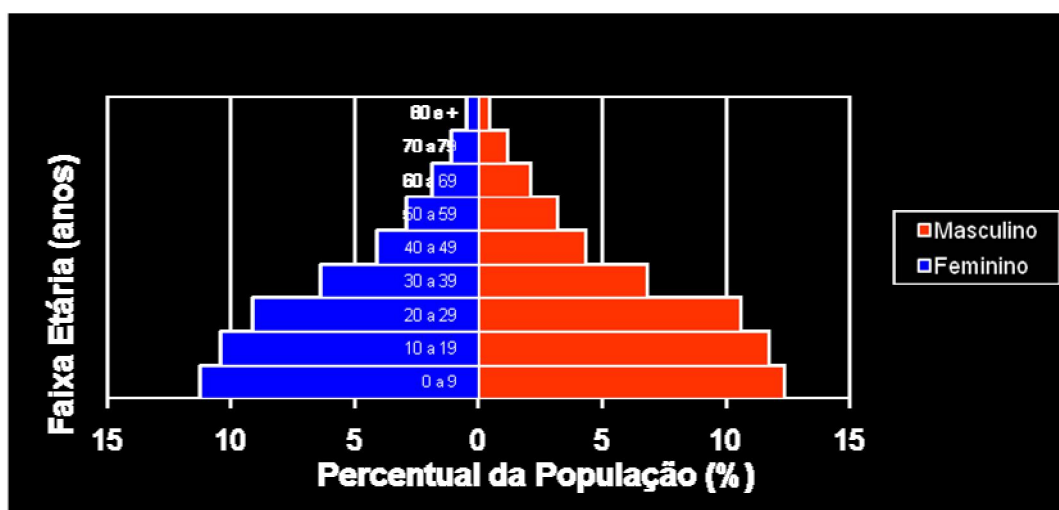


GRÁFICO 1 - Pirâmide etária do município de Boca do Acre.
Fonte: BRASIL (2009).

Em 2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Boca do Acre foi 0,611. Segundo a classificação do PNUD, o município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8).

No período 1991-2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (TABELA 3) de Boca do Acre cresceu 15,28%, passando de 0,530 em 1991 para 0,611 em 2000.

TABELA 3 - Índice de desenvolvimento humano dos municípios de Boca do Acre, Manaus e São Caetano do Sul, SP de 1991 e 2000

Município	IDHM		IDHM Renda		IDHM Longevidade		IDHM Educação	
	1991	2000	1991	2000	1991	2000	1991	2000
São Caetano do Sul (SP)	0,842	0,919	0,832	0,896	0,782	0,886	0,913	0,975
Manaus	0,745	0,774	0,712	0,703	0,681	0,711	0,843	0,909
Boca do Acre	0,530	0,611	0,506	0,529	0,634	0,668	0,449	0,637

Fonte: AMAZONAS (2009).

A dimensão que mais contribuiu para este crescimento foi a Educação, com 76,7%, seguida pela Longevidade, com 13,9% e pela Renda, com 9,4%.

Neste período, o hiato de desenvolvimento humano (a distância entre o IDH do município e o limite máximo do IDH, ou seja, $1 - \text{IDH}$) foi reduzido em 17,2%.

Se mantivesse esta taxa de crescimento do IDH-M, o município levaria 24,9 anos para alcançar São Caetano do Sul, SP, considerado o melhor IDH-M do Brasil (0,919), e 14,4 anos para alcançar Manaus, o município com o melhor IDH-M do Estado (0,774).

2.1.4 Aspectos econômicos

O produto interno bruto de Boca do Acre (GRÁFICO 2) teve um crescimento percentual entre 2002/2003 em 17,82%, 2003/2004 em -2,74%, 2004/2005 em 41,25% e entre 2005/2006 de 8,45%.

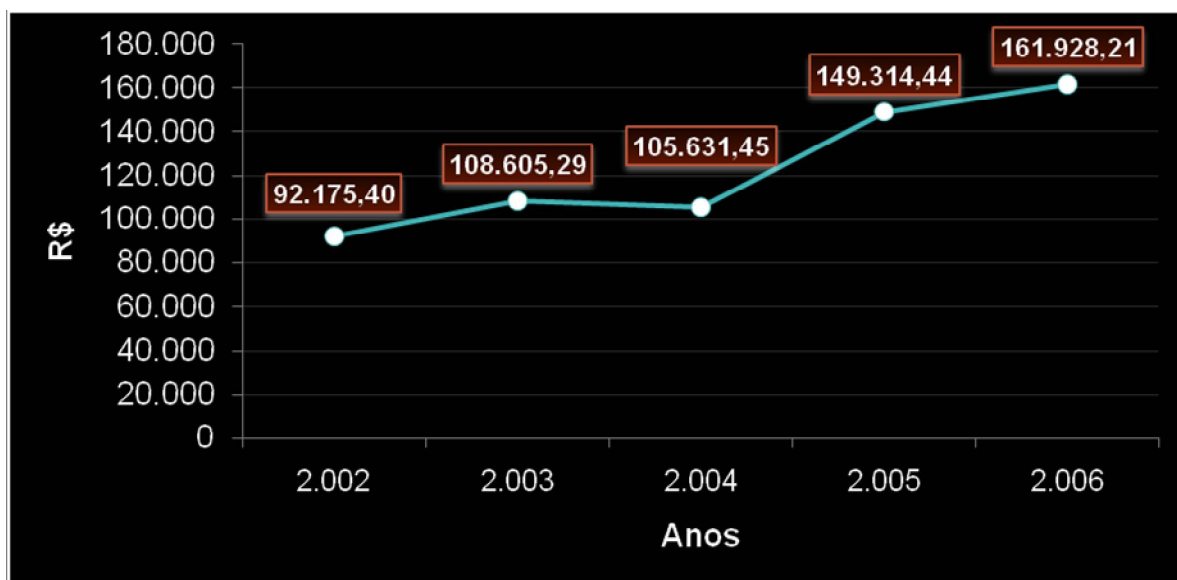


GRÁFICO 2 - Gráfico do crescimento do PIB bruto de Boca do Acre.
Fonte: CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS (2009).

Na TABELA 4 é possível verificar o percentual de participação dos setores de 2002 a 2006, sendo que em 2002, 2003 e 2005 o maior percentual de participação no PIB foi à agropecuária, em 2004 e 2006 foram os serviços (comércio, transporte, atividades imobiliárias, administração pública, entre outros).

TABELA 4 - Participação percentual no PIB de Boca do Acre

Setor	Ano				
	2002	2003	2004	2005	2006
Agropecuária	48,07%	47,73%	40,08%	45,58%	44,69%
Indústria	4,87%	4,34%	6,81%	3,87%	5,07%
Impostos	5,78%	7,76%	6,18%	6,77%	4,06%
Serviços	41,28%	40,17%	46,93%	43,78%	46,18%

Fonte: CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS (2009).

2.1.4.1 Setor primário

A agricultura é baseada nos seringais de cultivo e lavoura temporária, dentre os produtos da lavoura temporária (TABELA 5) do município, as que mais se destacaram em quantidade produzida (toneladas/ano) foi: o Arroz, que entre 2005-2007, manteve a média de 1.124 toneladas/ano; em 2004, reduziu, 756 toneladas/ano. A cana de açúcar, entre 2004-2005, teve um aumento para 2.400 toneladas/ano; entre 2005-2007, manteve a média de 2.400 toneladas/ano; e em 2008 aumentou para 4000 toneladas/ano. A mandioca, entre 2004-2007, manteve a média de 5.400 toneladas/ano; aumentando para 12.600 toneladas/ano em 2008. A melancia, em 2004, produzia 30 toneladas/ano; já entre, 2005-2007 houve um aumento para 115 toneladas/ano. O Milho (em grão) reduziu entre 2004-2005 passando de 810 toneladas/ano para 737 toneladas/ano e manteve essa média entre 2005-2007, já em 2008 aumentou para 1.200 toneladas/ano; As demais culturas entre 2004-2008, mantiveram suas médias produzidas.

TABELA 5 - Lavoura temporária do município de Boca do Acre

Produtos	Quantidade Produzida - Toneladas				
	Anos				
	2004	2005	2006	2007	2008
Algodão Herbáceo	0	0	0	0	0
Arroz (em casca)	756	1.124	1.124	1.124	560
Cana de Açúcar	600	2.400	2.400	2.400	4.000
Feijão (em grão)	18	68	68	68	22
Fumo (em folha)	0	4	4	4	4
Mandioca	5.400	5.400	5.400	5.400	12.600
Melancia	30	115	115	115	175
Melão	0	0	0	0	0
Milho (em grão)	810	737	737	737	1200
Tomate	6	6	6	6	6

Fonte: IBGE (2009).

Das culturas de lavoura permanente (TABELA 6) a que mais se destacou em quantidade produzida (toneladas/ano) foi: a Banana, entre 2004-2005, aumentou para 26.892 toneladas/ano; 2005-2006, aumentou para 28.688 toneladas/ano; 2006-2007, manteve-se estável com 28.698 toneladas/ano; Já entre 2007-2008, reduziu em para 3.475 toneladas/ano. As demais culturas entre 2004-2008 mantiveram suas médias produzidas.

TABELA 6 - Lavoura permanente município de Boca do Acre

Produtos	Quantidade Produzida (Toneladas)				
	Anos				
	2004	2005	2006	2007	2008
Abacate	34	102	102	102	70
Banana	11.900	26.892	28.698	28.698	3.475
Café (beneficiado)	15	127	127	127	154
Guaraná	1	0	0	0	0
Côco da Bahia*	62	1	72	72	60
Laranja	632	148	175	174	177
Maracujá	2	0	0	0	2
Mamão	49	10	10	10	45
Tangerina	16	12	12	12	0

Fonte: IBGE (2009).

*mil frutos

A pecuária (TABELA 7) nos últimos anos vem sobrepondo-se à agricultura como fator de maior importância para a economia local. A avicultura também vem tomando espaço sendo caracterizada pela criação doméstica de galinhas, patos e marrecos. Como produções derivadas têm-se carne e ovos destinados ao consumo local.

TABELA 7 - Efetivo de rebanhos do município de Boca do Acre

Rebanhos	Número de Cabeças				
	Anos				
	2004	2005	2006	2007	2008
Asininos	37	37	47	40	42
Bovinos	274.050	282.260	299.195	80.697	83.924
Bubalinos	13	15	27	13	15
Caprinos	358	375	442	169	177
Codornas	96	96	105	100	140
Equínos	1.528	1.528	1.505	1.500	1.557
Galinhas	23.793	23.793	37.983	8.268	6.320
Galos, Frangas, Frangos e Pintos	45.788	45.788	66.074	10.267	14.178
Muare	248	248	272	200	204
Ovinos	5.317	5.582	5.896	873	902
Suínos	4.568	4.568	13.595	2.446	4.568

Fonte: IBGE (2009).

No extrativismo vegetal: destacam-se: borracha, castanha e madeira (TABELA 8).

TABELA 8 - Extração vegetal do município de Boca do Acre

Produtos	Quantidade produzida – toneladas				
	Anos				
	2004	2005	2006	2007	2008
Castanha (toneladas)	904	913	842	960	998
Hevea(látex coagulado)	344	352	359	369	381
Madeiras*	79.130	81.061	82.681	85.162	88.156

Fonte: IBGE (2009). *m³

O cacau não tem sido contabilizado como produto de extração vegetal na Amazônia, o dado que se tem é referente a produção agrícola e não extrativista.

2.1.4.2 Setor secundário

É formado por indústria como: padarias, marcenarias, olarias, serrarias, máquina de secagem e beneficiamento de arroz e castanha (extração de óleo da castanha) e um alambique para a produção de aguardente.

2.1.4.3 Setor terciário

O comércio se divide em varejista e atacadista. Possui uma rede de serviço com restaurante, postos de gasolina, oficinas de reparo de barcos e autos, além dos supermercados, hotéis, pensões e bancos.

2.2 BACIA DO RIO PURUS

O Rio Purus nasce no Peru, a cerca de 500 metros de altitude. Estende-se por cerca de 3.218 km até a foz, no rio Solimões. Onde drena uma área de aproximadamente 376.000,00 km² sendo que deste total 73% se encontra no Estado do Amazonas, 21% no Estado do Acre nos municípios de Santa Rosa do Purus e Manoel Urbano, 5,5% no Peru e 0,5% na Bolívia. A ocupação da bacia do Purus (FIGURA 1) se mostra vinculada a políticas públicas que se iniciaram com o ciclo da borracha, no final do século XIX e se estenderam pelo século XX, acentuando-se na década de 1970, a partir dos projetos de assentamento no eixo da rodovia Transamazônica.

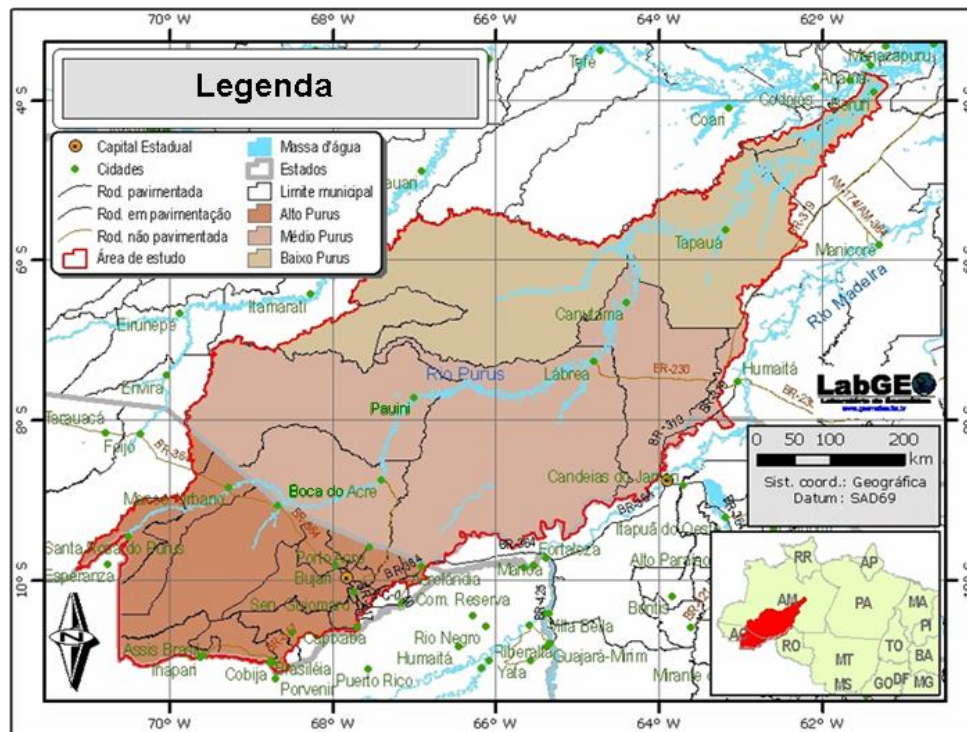


FIGURA 1 - Mapa de localização da bacia hidrográfica do Rio Purus.
Fonte: PROJETO PURUS, LabGEO (2009).

WAICHMAN et al. (2006) consideram que atualmente a região de interface entre o alto e médio Purus é cenário de expansão de fronteira agrícola, a partir da logística dada pelas rodovias BR-364, BR-319 e BR-230, pois nesta região é que se concentra o impacto da ocupação na bacia, associada, principalmente, às atividades madeireira e pecuária.

É preciso analisar que devido a inundações sazonais e a inexistência de outras modalidades de transporte na área de várzea, tem demonstrado ser as principais condicionantes da ocupação no médio e baixo Purus. Segundo Ravena et al. (2009) os ribeirinhos acompanham esse movimento sazonal no uso do solo, na construção de suas habitações bem como nas trocas que efetuam com as embarcações que navegam pelo Purus. Já no período de cheia, o leito do rio se modifica impondo à navegação cuidados redobrados e no período de seca, por exemplo, ocorre o afloramento de pedras, principalmente na sua embocadura com a foz do rio Acre no município de Boca do Acre torna a navegação desse rio uma ação para práticos.

Portanto, nas várzeas, onde a propriedade da terra é exclusivamente da União, é necessário desenvolver processos alternativos de regularização fundiária para que as populações possam ter segurança de moradia, acesso a crédito, etc. O isolamento de algumas comunidades tem implicações grandes nas formas de organização possível.

2.3 A VÁRZEA

A várzea é um ambiente com áreas periodicamente inundáveis por ciclos anuais regulares de rios de água branca ou escuras, ricas em materiais suspensos e dissolvidos (que transportam grande quantidade de sedimentos), gerando alta fertilidade do solo. Com isso, solo com alto teor de nutrientes é constantemente renovado, pois fica submerso por quase metade do ano. Há grande diversidade de espécies da vegetação, com alta biomassa. Tem grandes árvores e de crescimento rápido (WITKOSKI, 2004).

Surgik (2005), cita os diferentes tipos de várzea, que trazem também diferenças biológicas e, por isso, devem ser consideradas nas condições de uso humano, como:

- a) **Várzea alta:** inundável por um pequeno período no auge da cheia.
- b) **Várzea baixa:** inundável por um período mais longo.
- c) **Restinga:** são áreas de floresta localizadas nas terras mais altas.
- d) **Restinga baixa:** é a transição entre as áreas florestais da várzea para o chavascal e seu sub-bosque é freqüentemente mais limpo.
- e) **Chavascal:** área aberta, nas terras mais baixas, possui uma vegetação baixa, arbustiva, pantanosa e quase impossível de transpor durante a seca.

Por apresentar esta configuração de diversos elementos geográficos. Na FIGURA 2 é mostrada os elementos que compõem o relevo e a vegetação da várzea, tanto no período da vazante quanto no da enchente. Ressaltando-se o papel fundamental no processo de transportar os sedimentos e na distribuição da diversidade ecológica.

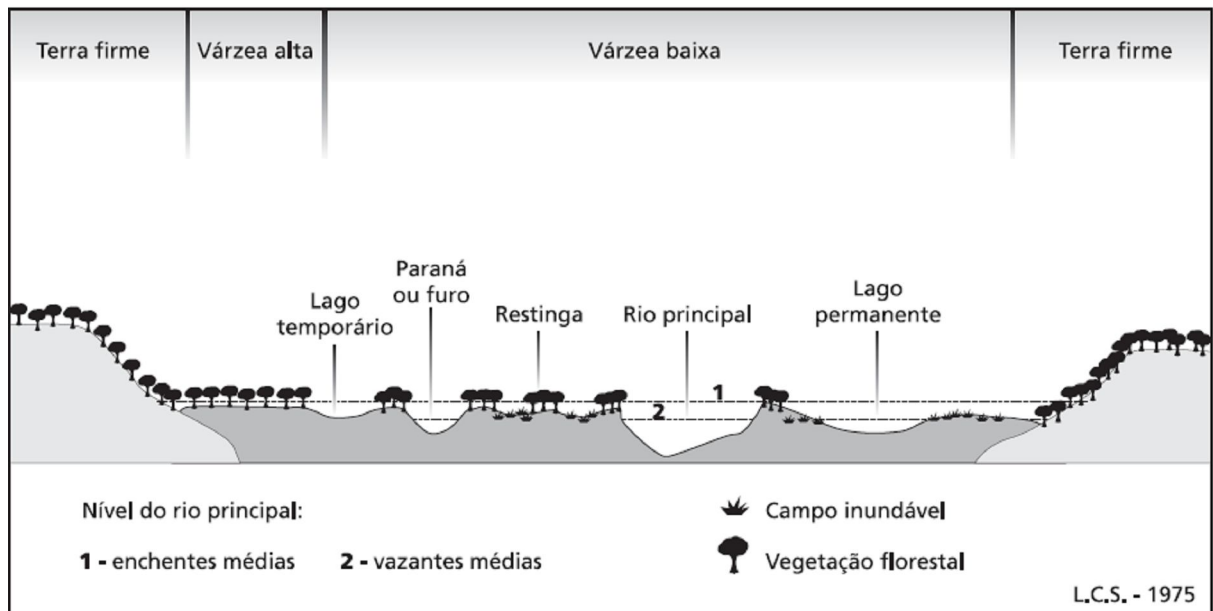


FIGURA 2 - Elementos que compõem o relevo e a vegetação da várzea.
Fonte: SURGIK (2005).

Entre os elementos que compõem o relevo e a vegetação da várzea, o cacau encontra-se no elemento da várzea alta e baixa, sendo na restinga baixa provavelmente sua maior ocorrência, devido a baixa altitude.

Por ser um ecossistema complexo, que possui uma imensa riqueza biológica, os rios amazônicos e suas áreas inundáveis, dos quais 30% são cobertos com florestas, equivalente a mais de 300.000 km aptos à inundação. Há muitas gera  es as áreas inundáveis vêm sendo utilizadas por popula  es da Amazônia, tanto no período de seca quanto de cheia (BENATTI, 2004).

Suas florestas correspondem    segunda maior forma  o vegetal da bacia amazônica, ocupando uma superfície de cerca de 75.880,8 km². Apesar do grande potencial das várzeas para a agricultura, principalmente culturas de ciclo curto, o aproveitamento florestal se apresenta como uma das atividades mais importantes, pois ainda existem muitas áreas com alto estoque de produtos madeireiros e não-madeireiros (RIBEIRO et al., 2004).

Porém, para a manuten  o da vida humana nessas regiões,    necessário haver a conserva  o deste para que não perca seus atributos originais. Somente assim será possível conservar as espécies ali presentes e, conseqüentemente, as popula  es que dela dependem.

2.4 EXTRATIVISMOS NA AMAZÔNIA

Ao analisar o sentido do termo extrativismo, o mesmo se torna amplo e claro, onde designa todas as atividades de extração, do meio ambiente, de produtos de origem vegetal, animal ou mineral, porém na Amazônia está freqüentemente associado aos de origem vegetal. Sendo assim o extrativismo vegetal sempre teve um papel fundamental na economia da região, embora nem sempre de forma justa e sustentável. As populações nativas, indígenas e ribeirinhas, foram os primeiros extrativistas, coletando uma grande variedade de produtos da floresta para sua sobrevivência.

A exploração na região não é recente e pode-se verificar a existência de três fases: a primeira delas, de 1616 a 1750, destacou-se pela a exploração das “drogas do sertão” e o cacau nativo adquiriu grande importância no mercado externo. De 1822 a 1850 com o surgimento da borracha há uma substituição dos demais produtos. A terceira fase, a partir de 1912, caracteriza-se pelo início da diversificação da produção e de um tímido processo de industrialização (MENDES, 1997).

A ocupação das terras amazônicas foi motivada pelo extrativismo, especialmente durante a segunda metade do século XIX, quando ao redor de 400.000 famílias vindas do Nordeste, lá se instalaram, à procura da borracha, cuja demanda crescente, nos Estados Unidos e na Europa, exigia um rápido aumento de produção (RODRIGUES, 1991).

Conforme o censo de 1980, 304.023 famílias se ocupavam com a produção extrativista vegetal e animal. Considerando-se cinco pessoas por família, aproximadamente 1.520.115 pessoas sobreviviam na época do extrativismo.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Amazônia passou a integrar o processo de desenvolvimento nacional. A criação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – Inpa (1952), a implantação das agências de desenvolvimento regional como a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – Sudam (1966) e a Superintendência da Zona Franca de Manaus – Suframa (1967) passaram a contribuir na execução de projetos voltados para a região.

Apesar dessa exploração contínua da região amazônica, na maioria das vezes, a população regional não tem acesso aos benefícios gerados por esta. Além

disso, muitos dos recursos amazônicos são voltados para o mercado externo, que se encarrega do processo de beneficiamento e extraindo a maior parte do valor final do produto.

2.4.1 A diminuição do extrativismo

Na Amazônia, a extração de recursos naturais tem sido o ponto de apoio na atividade de comércio exterior desde a colonização do Brasil. Esses produtos seguiram as fases de expansão, estagnação e declínio, decorrentes do esgotamento, domesticação, perda do poder de monopólio e aparecimento de substitutos (HOMMA, 2008).

O cacau (*Theobroma cacao* L.) já chegou a responder por até 97% do valor das exportações, em 1736, durante a economia colonial. Foi assim também com a seringueira, terceiro produto da pauta da exportação nacional por 30 anos (1887–1917), e que atingiu o pico de participação em 1910, quando foi responsável por 39%, e, novamente, em 1945, por ocasião da II Guerra Mundial, ano em que representou 70 % das exportações da Região Norte. Já a produção de pau-rosa alcançou participação máxima nas exportações da Região Norte, em 1955, com 16%, e a castanha-do-pará, em 1956, com 71% (HOMMA, 2003).

Estas atividades extrativas na Amazônia sempre enfrentaram riscos estruturais como, as crises globais do mercado de borracha natural, os quais conduziram à necessidade de diversificação das atividades produtivas.

Segundo Andrade (1996), esta crise da borracha natural, resultou em efeitos sistemáticos e diversificados sobre a principal fonte de renda monetária das populações locais da época, essa queda influenciou na economia familiar da seguinte forma:

- a) diminuição da renda doméstica;
- b) redistribuição de força de trabalho doméstico;
- c) ampliação das atividades de agricultura e pecuária;
- d) aumento acentuado da pressão sobre os recursos naturais;
- e) migração interior;

f) migração para centros urbanos.

É preciso analisar que durante 20 anos, de 1965 a 1985, o Brasil praticou uma política voltada para Amazônia, no formato de ocupação e expansão da fronteira agrícola. Abriu estradas, distribuiu terras, organizou colônias e deu inúmeros incentivos, especialmente de crédito subsidiado, para instalar fazendas agropecuárias e empreendimentos madeireiros na região. Porém segundo Rueda (2009) esta política serviu apenas para destruição da floresta e diminuição do extrativismo em várias regiões, como por exemplo, no estado do Pará, onde foram derrubados os castanhais mais ricos do país, ou no estado de Rondônia, onde na área de influência da estrada BR-364, desapareceram seringais e castanhais. Desapareceram também diversas áreas extrativistas em Mato Grosso, Maranhão e Acre.

Este avanço da fronteira agrícola, só freou o extrativismo em diversas regiões, transformando os extrativistas em peões ou pequenos agricultores. Porém as criações de reservas extrativistas estão sendo consideradas como uma alternativa de se evitar o desmatamento, por ser uma melhor opção de renda e emprego (HOMMA, 2008). Além de promover a proteção da biodiversidade e torna-se uma barreira para expansão agrícola.

Isto se torna duvidoso, uma vez que o ato de desmatar é um reflexo da situação econômica atual. Se, em termos relativos, os preços de produtos agrícolas forem superiores aos dos produtos florestais, a tendência é inevitável, o produtor vai realizar o desmatamento para o plantio de roças e abandonar as atividades extrativas. Esse fenômeno aliado as mudanças climáticas é que tem levado à contínua queda da produção da borracha, da castanha, do cacau, açaí, entre outros.

O que impediu que continuasse a devastação foi a pressão dos próprios extrativistas à pressão de instituições internacionais e nacionais. A partir de então o Estado, começou a tomar consciência da importância da conservação das florestas.

2.5 HISTÓRICOS DO CACAU NA AMAZÔNIA

A Amazônia era uma região colonial na qual predominava o trabalho escravo indígena e cuja atividade econômica consistia na extração de produtos da floresta conhecidos como especiarias ou “drogas do sertão” (cacau, cravo, canela, baunilha, copaíba, entre outros), que passam a ser comercializados no mercado internacional.

Segundo Oliveira (2001), em 1720, começa a procura desenfreada por cacau, pois este crescia por todo interior da floresta, sendo encontrado ao longo das margens e nas ilhas adjacentes do rio Amazonas, tanto na sua parte mais baixa próxima a Belém – especialmente entre a sua confluência com o rio Tocantins e os portos de Óbidos e Santarém – como ao longo das margens de seus maiores tributários, particularmente o Rio Negro, o Rio Trombetas, o Madeira e o Solimões.

Na época o uso da canoa era indispensável, pois os índios possuíam um conhecimento amplo dos recursos vegetais do Vale Amazônico; há notícias de que entre os anos de 1723 e 1729, o número de canoas com licença “para navegar o Rio Amazonas acima para essas coletas (do cacau) aumentou de 80 a 110 anuais, em 1736, alcançaram 320 embarcações por ano”. Como outras drogas do sertão, o cacau também passa, com o tempo, a integrar aquela continuidade de dependência, característico da produção extrativa amazônica (OLIVEIRA, 2001).

As expedições de coleta partiam, geralmente, ou de um aldeamento missionário, ou de um porto ribeirinho, ou da própria cidade de Belém, nos meses de setembro a janeiro. E consistiam aquelas de uma ou mais canoas grandes, parcialmente cobertas, com capacidade de transportar toneladas de carga. Logo, o cacau se tornava o principal meio de troca e produto de exportação da Amazônia.

Dentre os produtos florestais exportados, o cacau vai cada vez mais firmando-se como o produto de maior demanda no mercado metropolitano: exportava-se 28.216 arrobas de cacau, em 1730, e passou-se para 58.910 arrobas, em 1740, o que representava 90% do valor total exportado regional. No entanto, logo em seguida as exportações voltam a cair entre 1750 e 1754. A queda das exportações de cacau implicou o reforço oficial na região, que aparece sob a forma de criação da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão (1755-1778), proporcionando a

consolidação do contato da região com o mercado metropolitano e introduzindo o tráfico negreiro na Amazônia (BATISTA, 2004).

Pereira (2000) destaca que a renda gerada pelas exportações de cacau dividia-se em três parcelas principais:

- a) grande parte era apropriada pela burguesia metropolitana em função do monopólio do comércio de cacau;
- b) outra parte era apropriada pelo Estado Colonial, via tributação; e
- c) uma pequena fração da renda era retida pelos colonos para a manutenção da atividade ou expansão das unidades produtivas extrativas e, ainda, para o consumo importado de manufaturas metropolitanas.

No final do século XVIII, o cacau representava 58% do valor total exportado regional, em média, porém seus preços foram declinando no mercado de Belém, ficando claro o quadro de dificuldades por que passava a região, nessa época. Já com a revolução industrial o mercado capitalista mundial fica sob comando inglês, retraíra-se para o cacau amazônico, pelo fato de não se conseguir ampliar a oferta desse produto a preços baixos, o resultado era queda nos preços, no valor das exportações e decadência regional, durante toda a primeira metade do século XIX (MENDES, 2000).

2.5.1 Processo de domesticação e abandono do extrativismo do cacau

À medida que o cacau foi ganhando importância econômica com a demanda por chocolate, várias tentativas foram feitas visando à implantação da lavoura cacaueira em outras regiões. Em consequência, as suas sementes foram se disseminando gradativamente pelo mundo. Em meados do século XVIII, o cacau tinha atingido o Sul da Bahia e, na Segunda metade do século XIX, foi levado para a África. Data-se que as primeiras plantações africanas foram feitas por volta de 1855, nas ilhas de São Tomé e Príncipe, colônias portuguesas. Oficialmente, o cultivo do cacau começou no Brasil em 1679, através da Carta Régia que autorizava os colonizadores a plantá-lo em suas terras (CEPLAC, 2009).

Então quando se consolida a indústria de chocolate na Europa e Estados Unidos e, simultaneamente, o consumo eleva-se nesses mercados, então o sul da Bahia passou a ser a região produtora que assumiria a hegemonia brasileira do cacau, pois passou a representar 90% da produção total do Brasil, deixando o cacau extrativista em grande decadência. Pois as terras baianas eram adequadas para o cultivo do cacau, de fácil acesso e, principalmente, investimentos. São, portanto, esses fatores que se traduzirão numa produtividade do trabalho e competitividade superior ao da produção extrativa amazônica (NOGUEIRA, 2005).

2.5.2 Criação da CEPLAC

Em 1957 devido a várias oscilações na produção de cacau, o Governo Federal institui, o Plano de Recuperação Econômico-Rural da Lavoura Cacaueira, vinculado ao Ministério da Fazenda, criando a CEPLAC que visava restabelecer o equilíbrio financeiro dos cacaucultores e recuperar as lavouras, todo esse esforço foi desenvolvido na região produtora da Bahia e Espírito Santo que juntas detinha cerca de 97% da produção nacional (CEPLAC, 2009).

Na tabela abaixo é possível verificar a reduzida participação do Amazonas na produção brasileira de cacau.

TABELA 9 - Distribuição da produção brasileira de cacau e área em produção em 1976

Estados	Produção (1000t)	Área (1000ha)
Bahia	218	387
Espirito Santo	7	21
Pará	2	7
Amazonas	0,16	2
Outros	3	0,25
Total	231	416

Fonte: MENDES (2005).

Segundo Mendes e Reis (2005), em 1976 surge o Plano de Diretrizes para a Expansão da Cacaucultura Nacional (PROCACAU) para atender o ritmo crescente da demanda, onde seu objetivo principal era garantir o Brasil em primeiro lugar na produção mundial de cacau.

Deste modo, o desenvolvimento do cacau no Brasil pode ser focado em duas grandes fases: a que vai do século XVII até 1890, quando ocorreram os primeiros embarques e prevaleciam as produções da Amazônia e a que vai de 1890 até a atualidade, quando a predominância da produção brasileira passou para o Estado da Bahia com cacaucultura, ou seja, sistema de cultivo do cacau.

2.5.3 O cacau em Boca do Acre após 2006

O cacau silvestre ocorre em regiões alagadas, ou na várzea, pois estas são banhadas pelas águas barrentas dos rios da região, periodicamente e continuamente. As águas barrentas têm muita argila em suspensão na forma de micro-partículas, ricas em minerais, sendo um poderoso fertilizante natural (ALMEIDA; BRITO, 2003).

O cacaueiro tem características bem definidas: o frutos são pequenos comparativamente as espécies híbridas, as sementes são menores e com tamanhos regulares e cor regular, aroma suave, sabor suave e de baixa acidez, essas características podem facilmente classificá-lo como cacau fino.

Segundo Barbosa (2009), o cacau selvagem colhido num dos lugares mais remotos da Amazônia virou matéria-prima para chocolates finos na Europa. Ribeirinhos de Boca do Acre, no sul do Amazonas, colhem o cacau e o vendem a Cooperativa Agroextrativista do Mapiá e Médio Purus que beneficia as amêndoas para enviá-las à Alemanha, onde são ingrediente de chocolates prêmio.

Os cacaueiros estão espalhados pelo rio Purus e seus afluentes. Onde os ribeirinhos transportam os frutos até a beira do rio, que são recolhidos por barcos. Após o recolhimento, os frutos são quebrados e as amêndoas são fermentadas por alguns dias e secas em estufas (ANEXO A).

O extrativismo é a maneira de os ribeirinhos conseguirem uma renda a mais, já que a maioria deles se dedica apenas à pesca e à agricultura de subsistência. Abaixo é mostrado um gráfico com dados da COOPERAR (2009) referente aos números de produtores envolvidos com cacau durante os meses de março a maio.

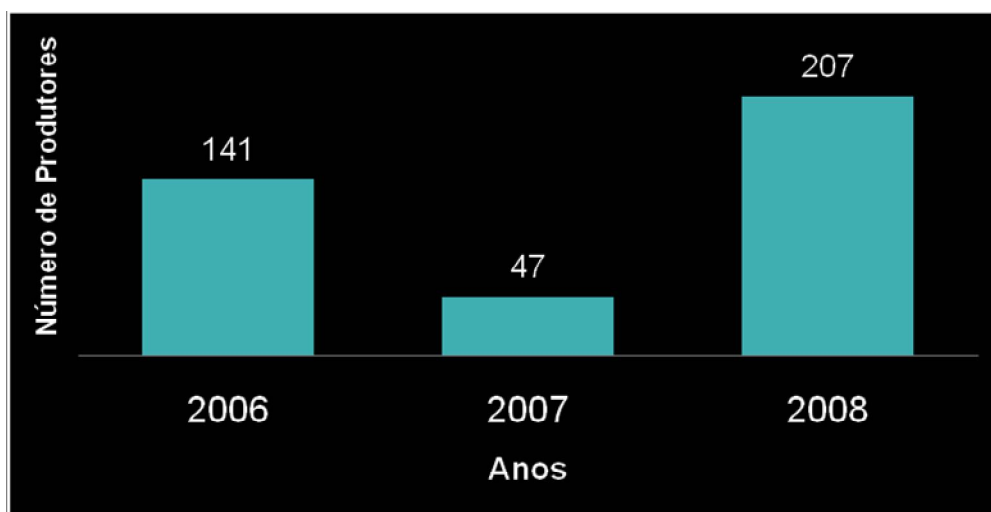


GRÁFICO 3 - Participação de produtores colhendo.

É possível verificar que no ano de 2007, houve uma redução no número de produtores envolvidos, segundo a cooperativa essa queda foi devido a pouca frutificação dos cacaueiros, prejudicando assim o acordo com a empresa alemã e os produtores que participaram em 2006.

2.6 MANEJO FLORESTAL COMUNITÁRIO

Sabe-se que o Manejo Florestal Comunitário (MFC) é um conjunto de procedimentos técnicos, administração e gerência para produzir madeira e produtos não-madeireiros com o mínimo de danos à floresta, onde as pessoas que vivem na comunidade assumem o compromisso de cuidar da floresta, a fim de garantir a conservação do meio ambiente, saúde, educação e renda para todos.

A idéia inicial do MFC é criar uma nova alternativa de renda sustentável, além das já existentes como farinha e outros cultivos agrícolas, obtidos através de

produtos existentes na floresta e coletados/extraídos de forma sustentável e com o mínimo de impacto a floresta sempre observando e respeitando a cultura das populações tradicionais.

Segundo Amaral et al. (2007) as florestas são uma grande fonte de riquezas, especialmente para quem vive nelas. Sendo assim, muitas comunidades rurais e florestais, especialmente as comunidades tradicionais, possuem uma longa tradição de uso da floresta com habilidades, práticas e conhecimento necessário para garantir o manejo de seus recursos.

Logo, o manejo florestal traz os seguintes benefícios para as comunidades: a) redução das taxas de desmatamento; b) geração de postos de trabalho; c) redução das taxas de emigração rural; d) diversificação e elevação da renda no meio rural; e) alcance de mercados exigentes (referindo-se à aceitação de produtos florestais certificados com “selo verde”); f) manutenção dos serviços ambientais da floresta (equilíbrio climático e hídrico, conservação da biodiversidade e proteção ao solo); e g) legitimação da indústria de base florestal (ARAÚJO; OLIVEIRA, 1996).

Na Amazônia brasileira, o MFC tem apresentado forte expansão nas últimas três décadas, sendo que as primeiras iniciativas datam do início dos anos 90 quando os primeiros planos de manejo florestais comunitários foram operacionalizados (SALGADO, 1999).

2.7 LEVANTAMENTO SÓCIO-ECONÔMICO

A questão da sustentabilidade sócio-econômica tem sido tema central das críticas para elaboração de propostas ao extrativismo florestal. Fatores como a distância de mercados e facilidade de transporte, a ausência de canais de comercialização, as propriedades físicas do produto, de qualidade e suprimento, além do preço, afetam a oferta de produtos florestais.

É preciso frisar que a identificação da origem do produtor, a obtenção do nível de organização da comunidade e as problemáticas encontradas nas propriedades, são pontos importantes para a definição de estratégias políticas para realização de

um trabalho participativo das comunidades de produtores rurais de uma determinada região (ARCO-VERDE et al., 2002).

Cavalcanti et al. (1996), ao analisarem que a relação sócio-econômico é de fundamental importância para qualquer atuação na floresta, seus estudos realizados na Floresta Estadual do Antimary mostraram que grande parte das necessidades das famílias eram satisfeitas diretamente na relação homem versus natureza, alimentação de origem animal (caça e pesca), de origem vegetal (plantio e coleta), moradia (abertura de clareira e construção), pontes, obtenção de água, utensílios manufaturados, alguns medicamentos e outros.

Sendo assim, o levantamento sócio-econômico busca através da análise sistemática da realidade vivenciada pela população local, fornecer informações que possibilite a implementação de ações de desenvolvimento que podem melhorar as condições de vida dessa população, tendo como eixo desta melhoria o Manejo dos Recursos Florestais (RODRIGUES, 1996).

De acordo com Lima (2004), os moradores das margens dos rios desempenham um papel importante na construção da sustentabilidade na Amazônia. Entretanto, as justificativas para o fato de não acompanhar o desenvolvimento de outras regiões do país, incluíam tanto causas ambientais quanto sociais. As doenças tropicais, o calor e as idéias de que era fácil obter os meios de vida na floresta amazônica explicariam a ausência de um comportamento capitalista na população nativa.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O método usado foi a realização de entrevistas diretas através do emprego de dois tipos de formulários, elaborados com base nas experiências já realizadas em levantamentos semelhantes no Acre, como na Floresta Estadual do Antimary e Reserva Extrativista do São Luis do Remanso por Rodrigues 1989 e 1990.

Foram entrevistadas todas as famílias que residem na margem do Rio Purus, no intuito de obter dados sociais e econômicos daquela realidade. Os formulários são apresentados no APÊNDICE A e B.

Contando com apoio de um barco residência e também de voadeira para ações de emergência.

3.1 ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo foi à região do município de Boca do Acre. Este município foi selecionado por apresentar condições ambientais, sociais e mercadológicas favoráveis para o desenvolvimento do cacau nativo (*Theobroma cacao*).

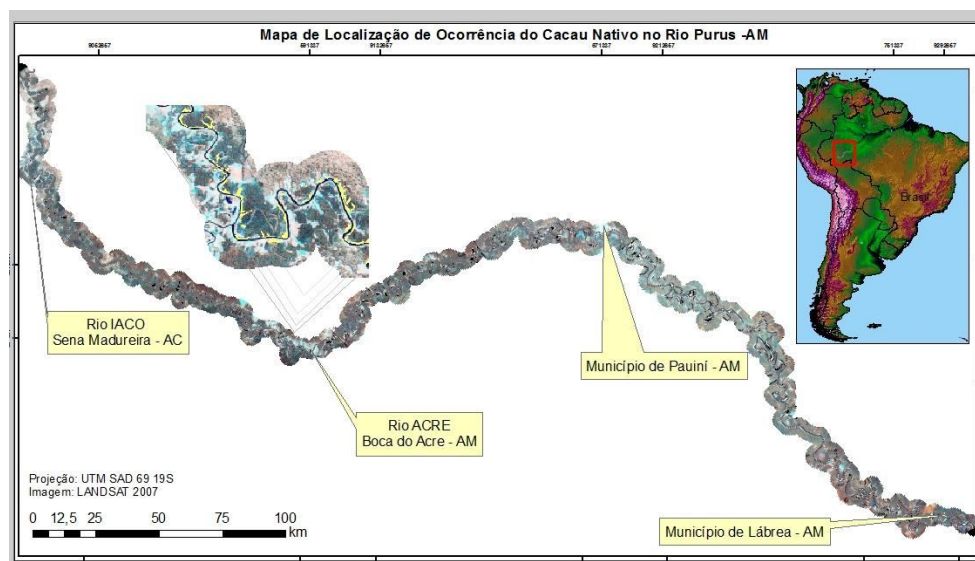


FIGURA 3 - Mapa da área de estudo da ocorrência do cacau nativo na várzea do Rio Purus – AM.

Fonte: OLIVEIRA (2010).

3.2 MÉTODO

O formulário priorizou a coleta de informações: distribuídas em três blocos distintos da seguinte forma:

A – Aspectos Sociais

- Identificação do responsável pela casa, situação legal, área de domínio da família, número de moradores;
- Dados sobre o responsável: origem, documentos possuídos, situação conjugal;
- Dados sobre a família: escolaridade, estrutura, atividades dos membros; e
- Condições de saúde: tipo de atendimento recebido, tratamento utilizados.

B – Aspectos Econômicos

- Área utilizada para pasto de domínio exclusivo e/ou coletivo e para roçado (floresta derrubada p/agricultura) de domínio exclusivo e/ou coletivo; Área Plantada na praia ou barranco;
- Principais produtos e produção geradas ao longo do ano, fruteiras existentes. Culturas normalmente plantadas na praia;
- Local de venda da produção;
- Quantidades de animais criados; e
- A caça de animais.

C – Aspectos relacionados à produção de Cacau

- A pretensão de continuar colhendo;
- O porquê de não coletar frutos;
- Interesse em fazer um plantio de cacau na sua Área;e
- Existência de algum produto que Rende mais pelo Dia de Trabalho do que o Cacau.

Os dados foram armazenados e processados pelo programa SPSS for Windows 12 (Statistical Package for the Social Sciences) - pacote estatístico para as ciências sociais - um dos programas de análises estatísticas, mais usados nas ciências sociais; além de ser usados por pesquisadores de mercado, na pesquisa relacionada com a saúde, no governo, educação e outros setores.

3.3 EQUIPE DE LEVANTAMENTO, PLANEJAMENTO E PROCESSAMENTO

A equipe de levantamento foi composta de engenheiros florestais, técnicos agropecuários e extensionistas. A de planejamento foi composta por um engenheiro florestal, um economista e dois extensionistas.

Já a de processamento foi composta por um engenheiro florestal e um economista.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados aqui se referem ao Levantamento Sócioeconômico realizado através de duas expedições no rio Purus, no município de Boca do Acre, ocorridas durante o ano de 2009, onde duas equipes de levantamento percorreram a barco toda área de estudo.

4.1 ESTUDO SÓCIOECONÔMICO

Foram entrevistadas 362 famílias, distribuídas em 19 comunidades. As entrevistas foram realizadas preferencialmente com o chefe de família, o que ocorreu na quase totalidade dos casos.

Neste levantamento foi contabilizado um total de 1.777 moradores, sendo 57 % do sexo masculino e 43% do sexo feminino. O número médio de integrantes por família é de 5 pessoas. Esses dados, quando comparados com a realidade florestal no Acre, onde a proporção por gênero é de 50% para cada sexo e as famílias são de quase 6 pessoas, demonstram um diferencial importante na estrutura demográfica da região.

4.1.1 Aspectos sociais

Os resultados apresentadas a seguir mostram as principais características gerais e demográficas da população residente nas comunidades pesquisadas que diante de tal quadro, ocorre a necessidade de cuidar-se do aspecto social, buscando melhoria no nível de vida (ANEXO B).

4.1.1.1 Origem

Dentre os entrevistados, a grande maioria é do município de Boca do Acre. Onde 86,7% nasceram no Amazonas e 11,9% no Acre e os demais habitantes (1,4%) são oriundos de outros estados (GRÁFICO 4).

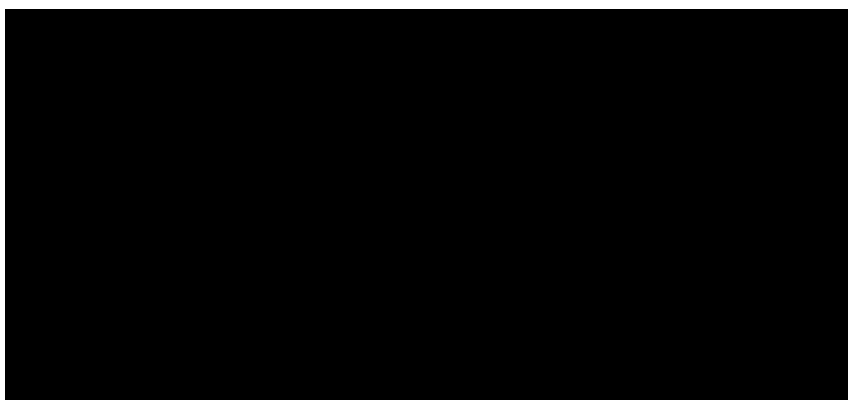


GRÁFICO 4 - Unidade Federativa de nascimento dos entrevistados.

4.1.1.2 Informações sobre o responsável pela casa

Os entrevistados tinham idade mínima de 18 anos e máxima de 87 anos, com média de 42 anos. O sexo masculino predomina como responsável pela casa, perfazendo um percentual de 86,7% e 13,3% para o sexo feminino (GRÁFICO 5). Esta distribuição por gênero acompanha o tempo de moradia nas comunidades.

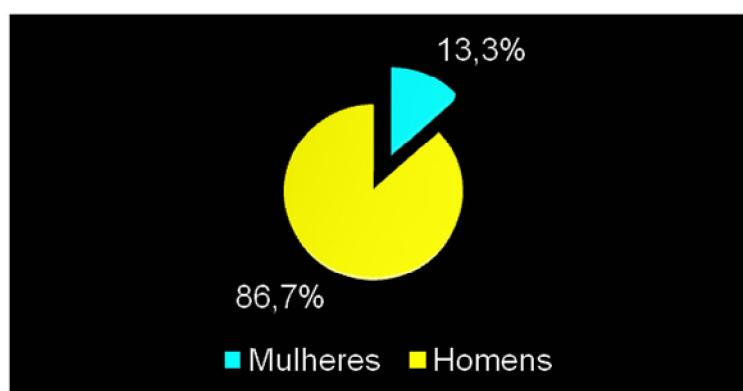


GRÁFICO 5 - Sexo do responsável pela casa.

A grande maioria dos entrevistados é “ajuntada” (62,2%), ou seja, vive com suas parceiras, porém não possui uma relação oficializada, os demais distribuem-se entre casados (25,7%), viúvos (4,7%), solteiros (6,1%) e separados (1,4%), conforme gráfico abaixo.

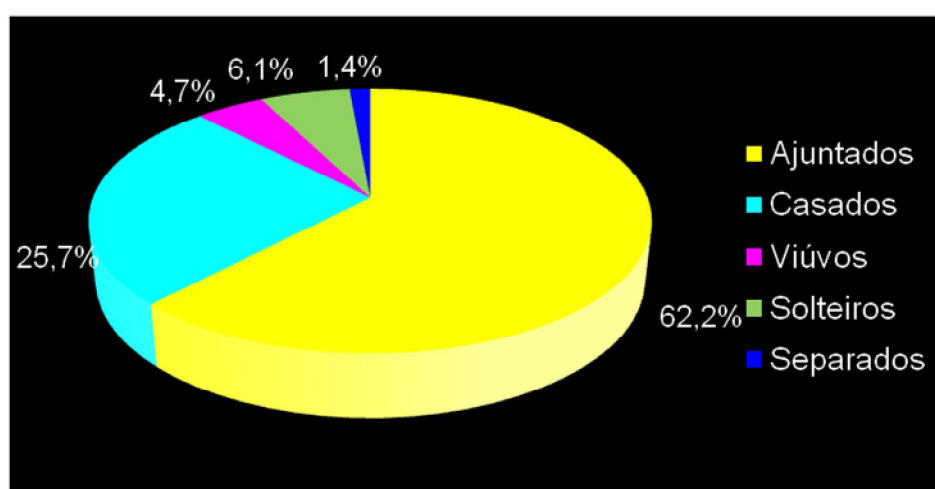


GRÁFICO 6 - Situação conjugal do responsável pela casa.

No GRÁFICO 7 é possível verificar que a maioria dos entrevistados possui os documentos básico, porém os documentos como certidão de casamento e carteira de sindicato são documentos que não tem muita facilidade de se obter.

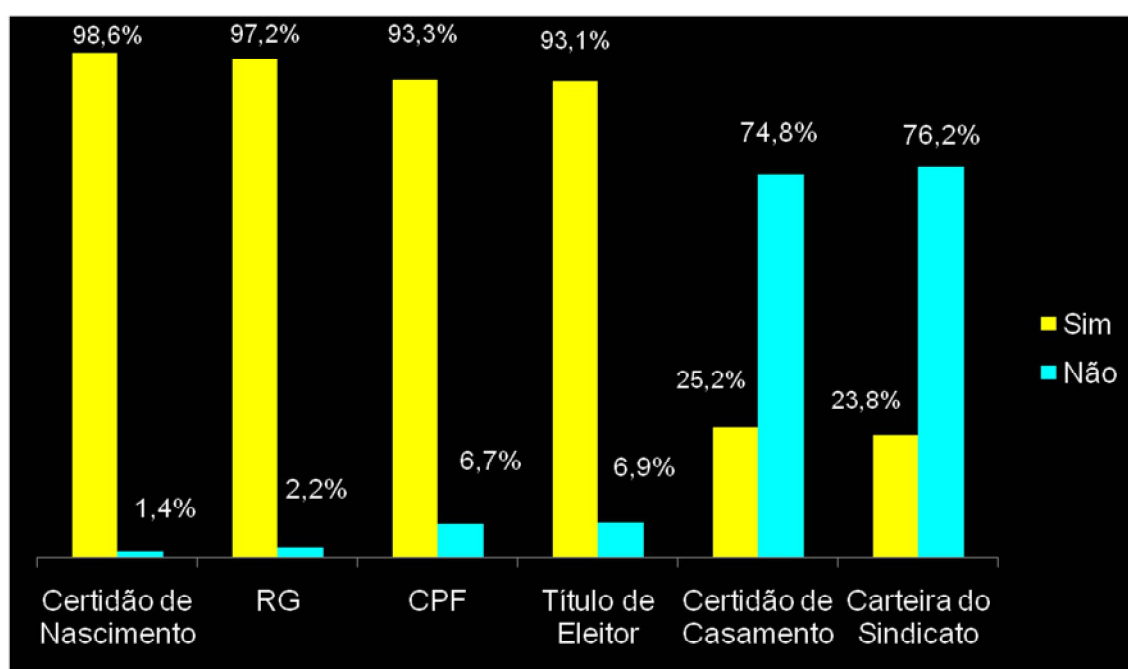


GRÁFICO 7 - Documentos que o responsável pela casa possui.

A educação no Brasil é uma realidade que incomoda todos os seguimentos da sociedade. Hoje grande parte da população é analfabeta, trazendo consigo suas histórias e com elas as dificuldades de se estudar no país onde o descaso e a indiferença são tantas. Todavia esse quadro vem mudando a cada dia, com a ajuda do governo e programas que vêm a beneficiar aqueles que por algum motivo não se encaixam na escola.

Nos dados obtidos no GRÁFICO 8, verifica-se que 43,6% dos entrevistados são analfabetos, 33,4% possuem o ensino fundamental incompleto, 16,6% sabem ler e escrever, 1,7% com ensino fundamental completo, 1,4% ensino médio incompleto, 1,9% ensino médio completo e 1,4% com superior completo.

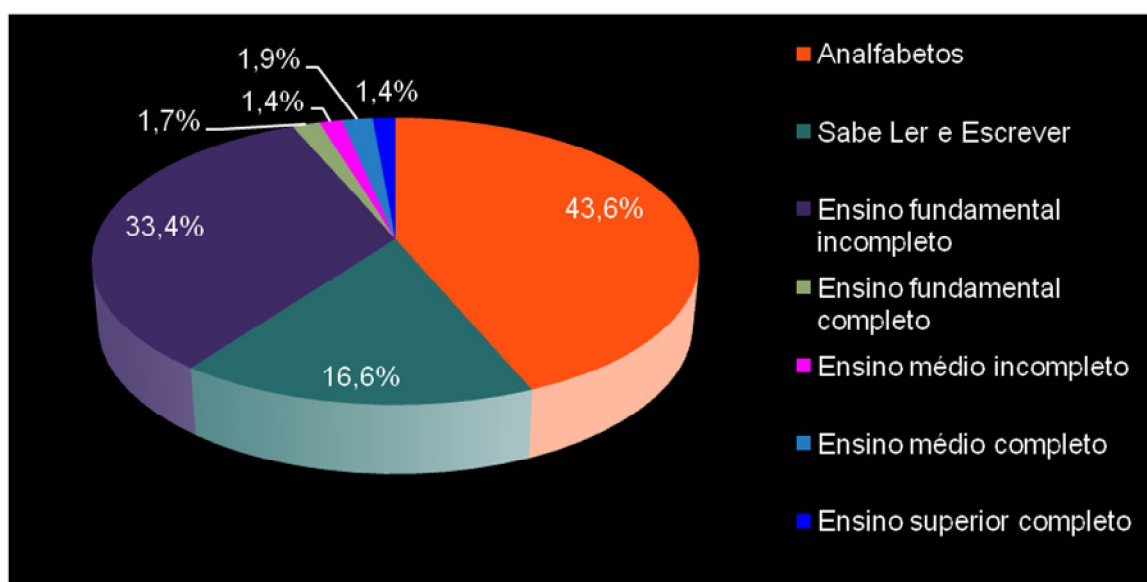


GRÁFICO 8 - Nível de escolaridade do responsável pela casa.

4.1.1.3 Número de indivíduos por faixa etária e escolaridade

Levando em consideração os entrevistado e sua família a população que predomina na Bacia do Médio Rio Purus está na faixa etária 0 a 12 anos (35,3%). O segundo maior percentual está na faixa etária de 31 a 59 anos (24,4%). E se considerar a faixa etária de 13 a 20 anos e a de 21 a 30 anos, obteremos um percentual de 68,6%, caracterizando esta região uma população jovem (GRÁFICO 9).

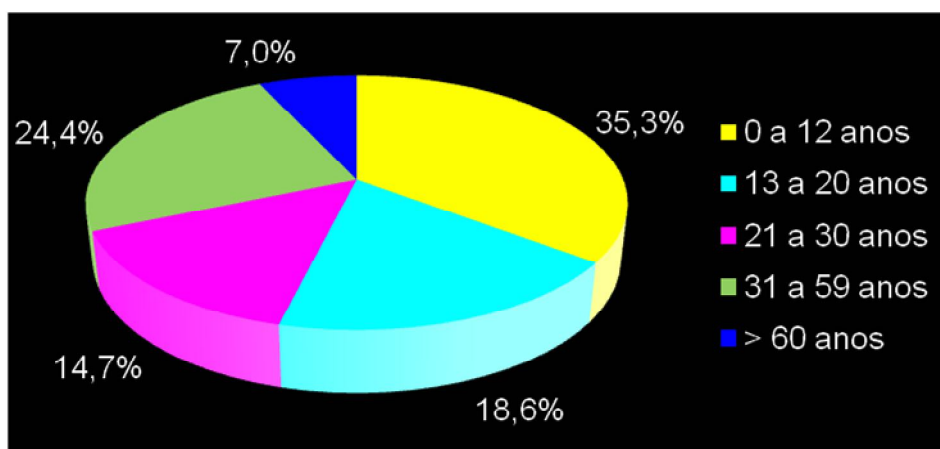


GRÁFICO 9 - Faixa etária dos indivíduos na Bacia do Médio Purus.

Estes dados demonstram que qualquer política pública de desenvolvimento voltada para a Bacia do Médio Purus deve contemplar esse aspecto de população, através de ações imediatas, mas prevendo ações futuras que venha garantir a permanência das crianças e dos jovens na floresta e dando possibilidades de manutenção para as famílias vindouras.

Comparando a distribuição da população residente na bacia por faixa etária com o restante do município (GRÁFICO 10), nota-se uma mesma conformação de resultados, exceto na faixa de 0 a 12 anos, que devem expressar menor acesso sobre planejamento familiar como os próprios métodos contraceptivos por parte da população da região, o que é próprio dessas áreas.

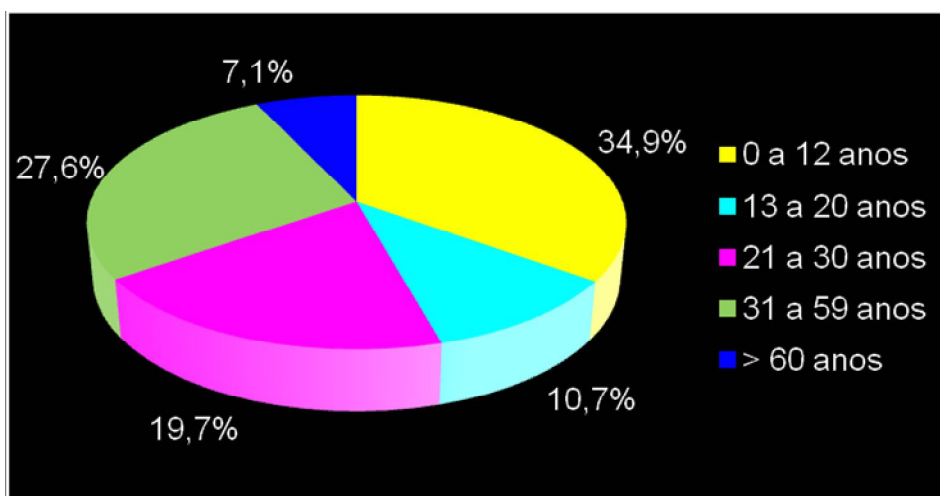


GRÁFICO 10 - Faixa etária dos indivíduos no Município de Boca do Acre.

Quanto à educação formal dos integrantes das famílias entrevistadas, percebe-se, ao analisar o GRÁFICO 11, que há uma intensa concentração de pessoas que estudaram até os primeiros anos do ensino fundamental (57,3%) – sobretudo os mais jovens, porém 26,4% são analfabetos incluindo as crianças que não estão em idade escolar e 8,8% sabem ler e escrever com dificuldade.

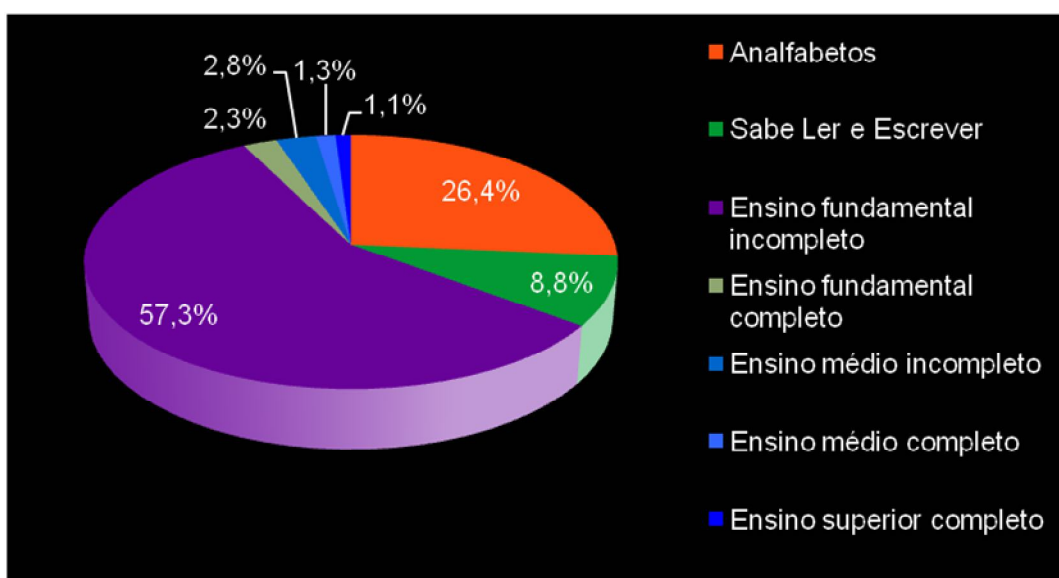


GRÁFICO 11 - Nível de escolaridade dos integrantes das famílias.

4.1.1.4 Saúde

As condições de saúde da população nas comunidades são precárias, como na maioria das áreas de extrativismo, pois não existe posto de saúde, assistência médica e muito menos odontológica. O que existe hoje na região são visitas pelos órgãos de saúde que são realizadas anualmente, com programa de multivacinação e controle de malária.

A questão da saúde é um dos grandes ou senão maiores problemas que estas comunidades enfrentam ao longo de anos. As doenças, em sua quase totalidade são tratadas com remédio comercial quando tem, mas pode-se observar que ainda é considerável o número de pessoas que utilizam remédios caseiros para cura de algumas doenças. Neste sentido, 92,6% das famílias utilizam algumas espécies de plantas ou outros medicamentos naturais para tratarem os doentes quando os casos são tratáveis.

4.1.1.5 Moradia

A casa de morada é a benfeitoria mais importante da comunidade. As outras benfeitorias estão vinculadas aos processos produtivos e à renda familiar da população residente.

As casas apresentam aspectos típicos da moradia de extrativista, sendo construídas basicamente com madeira, paxiúba e cobertas com palha ou telha. Nas residências mais trabalhadas, encontram-se basicamente tábuas, estas, são sempre serradas com o motosserra, sem passar por um beneficiamento em serrarias, deixando a casa com um aspecto rústico. A cobertura é feita de telha de amianto, alumínio ou cavaco.

Os tamanhos das casas variam de 9,0 m² a 180,0 m², com média de 45,0 m² e três cômodos; 85,2% das casas não possui banheiro nem dentro e nem fora da casa.

Sobre as condições de moradia, no que tange ao número de cômodos por residência, 54,6% das habitações eram compostas basicamente pelo conjunto de sala, cozinha e um ou dois quartos; 16% das casas tinham mais de cinco cômodos; e os 28% restantes, possuíam menos de três ambientes, conforme pode ser visualizado no GRÁFICO 12.

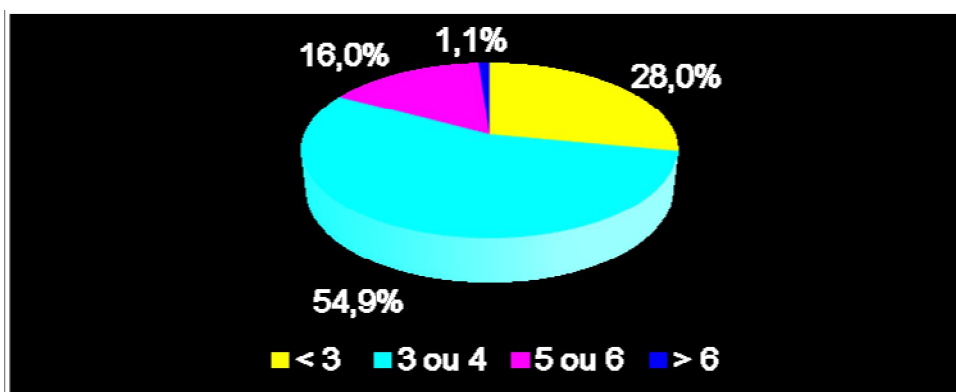


GRÁFICO 12 - Número de Cômodos das Moradias.

Já o número de moradores por residência oscila bastante, se por um lado 22,7% das casas abrigavam mais de seis moradores, algumas chegando a ter até 14 pessoas sob o mesmo teto, por outro, 11,9% eram ocupadas por menos de três pessoas, como pode ser visto no GRÁFICO 13, apresentado a seguir.

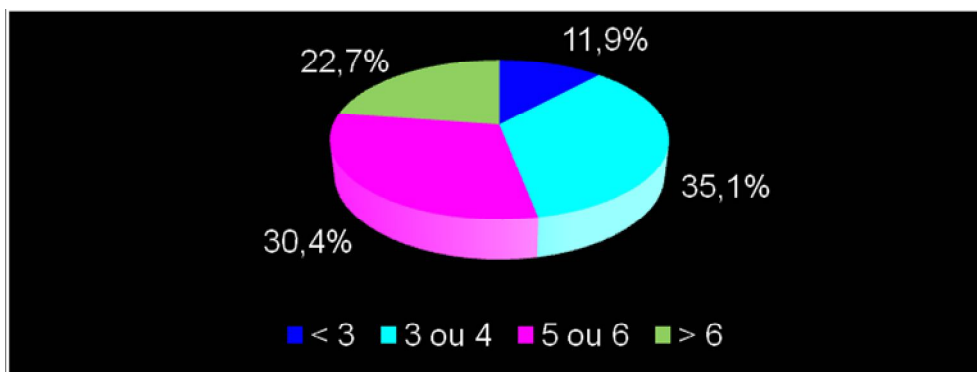


GRÁFICO 13 - Número de Habitantes por Moradia.

O tempo que as casas foram construídas ou reformadas, considerando o período mais curto, variou de dias a 23 anos, com média de quatro anos, devido principalmente as constantes cheias do rio nos anos anteriores.

Já o tempo de moradia nas comunidades variou de alguns meses a 76 anos. O percentual de famílias morando por um período maior que 10 anos é de 62,3%, retratando a estabilidade dessas famílias quanto à permanência em suas comunidades (GRÁFICO 14). Dentre os entrevistados 60,4% disseram já ter morado em outra comunidade próxima, antes de morar na atual e 66,3% nunca moraram em cidade.



GRÁFICO 14 - Tempo de moradia na comunidade.

4.1.1.6 Situação fundiária

Segundo Brito e Barreto (2010), a situação fundiária de cerca de metade da Amazônia Legal é incerta. Essa indefinição dificulta o desenvolvimento econômico e a gestão ambiental da região, estimulando conflitos sociais e prejudicando os direitos das populações locais.

Sendo assim, apenas 47,7% disseram ter posse sem documento e 52,3% dos entrevistados disseram possuir algum tipo de recibo da propriedade.

4.1.1.7 Organização comunitária

A organização comunitária é um ponto fundamental na constituição dessas comunidades. Entretanto, apenas 16,57% dos entrevistados fazem parte de alguma associação local. Desse total 45% dizem que os homens participam mais das reuniões e já 38,3% dizem que são as mulheres e o restante 16,7% afirmam que existe participação igual de ambos.

Na opinião deles 63,3% responderam que a associação não tem ajudado na melhoria de vida da sua família. Portanto, deve-se realizar um pequeno trabalho de esclarecimento em cada comunidade para explicar a importância das associações.

Somente 26,2% dos entrevistados possuem carteira do Sindicato de Trabalhadores Rurais. Demonstrando o interesse dos mesmos devido o Sindicato proceder o encaminhamento de questões pessoais importantes como a aposentadoria.

4.1.2 Aspectos econômicos

A sobrevivência da população ribeirinha amazônica é sempre um ato de heroísmo e de aventura. Diante das imprevisões do nível de elevação das águas, que em certos anos provocam as “grandes cheias” e as “grandes secas”, os ribeirinhos permanecem atentos e sob grande expectativa durante os meses do ano. Tomam providências para enfrentar os perigos e dificuldades na medida em que eles vão se apresentando, e conforme as condições que dispõem, no momento, para este enfrentamento.

Estas famílias de pequenos produtores, carentes de recursos tecnológicos e financeiros, buscam através de várias atividades complementarem sua renda. A participação do indivíduo em associações, sindicatos, ou outras entidades representativas de classe, é fundamental no processo de fortalecimento da coletividade para reivindicar o cumprimento de direitos de cada cidadão, lutar pela melhoria de condições de vida e trabalho, e propor alternativas para a resolução dos problemas de sua comunidade.

Os resultados apresentadas a seguir mostram as principais características econômicas da população residente nas comunidades pesquisadas.

4.1.2.1 Área sob domínio da família e utilizações

A área sob domínio da família variou de no mínimo 0,15 ha a 800,00 ha, com média de 77,00 ha por família. A soma de todas as áreas das 362 famílias representou aproximadamente 28.000,00 hectares.

Destas o uso representativo das áreas utilizado para terreno da casa, pasto e roçado de domínio das famílias variou de 0,25 ha a 250,00 ha, com média de 17,00 ha por família. A soma de todas as áreas das 362 famílias representou aproximadamente 6.000,00 hectares desmatados.

A maioria das famílias 87,7% pratica a agricultura de corte (derrubada) e queima nos roçados e desse total 69,1% têm roçado de uso exclusivo com tamanho entre um e dois hectares (GRÁFICO 15) e 7,4% têm roçados menores que um hectare.

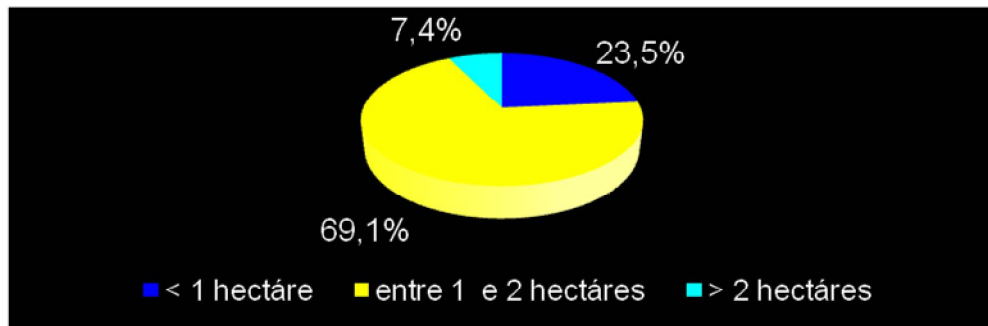


GRÁFICO 15 - Tamanho da área de roçado sob domínio exclusivo.

Em relação ao pasto de uso exclusivo a maioria das famílias 50% têm tamanho menor que 10 hectares (GRÁFICO 16) e 18,4% têm pastos maiores que 30 hectares.

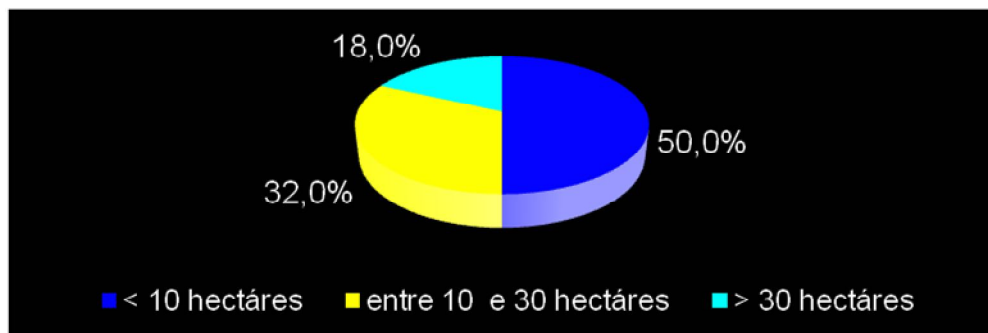


GRÁFICO 16 - Tamanho da área utilizada para pasto sob domínio exclusivo.

Quanto o costume de se plantar em praias alagáveis dos rios 66,8% afirmaram realizarem essa atividade, sendo que o tamanho da área utilizada variou de 0,6 ha a 6,00 ha.

4.1.2.2 Composição e atividades desenvolvidas pelos membros das famílias

Os entrevistados responderam que 43,3% dos membros da família, ou seja, 1 pessoa trabalha na produção agroextrativista (GRÁFICO 17) e 41,5% entre 2 ou 3 pessoas desempenham esta função.

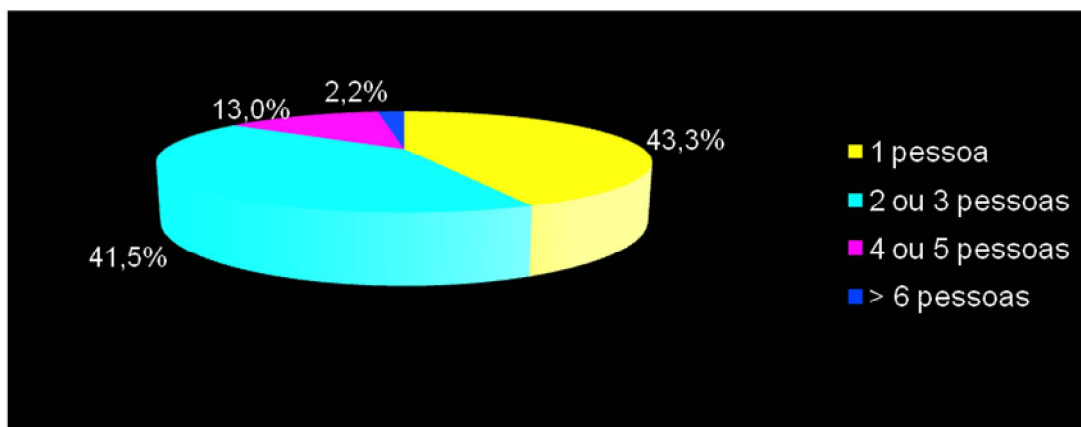


GRÁFICO 17 - Número de moradores que trabalham na produção Agroextrativista.

No gráfico a seguir, crianças a partir de cinco anos já desenvolvem alguma atividade. Por exemplo, buscando água numa pequena vasilha ou servindo aos maiores na roça.

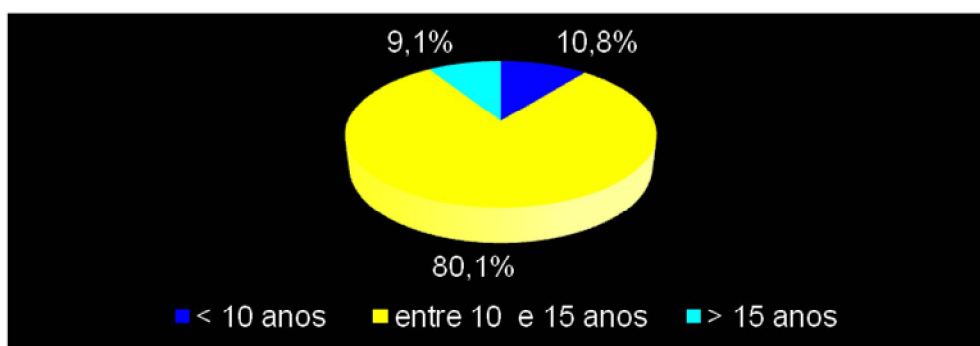


GRÁFICO 18 - Idade que as crianças passam a desenvolver alguma atividade.

Percebe-se ainda que na idade entre 10 e 15 anos 80,1% dos entrevistados responderam que as crianças já desenvolvem atividades como pesca, caça e ajudam no roçado. Verificou-se também que os pais preferem que os filhos estudem, pois a maioria das escolas rurais não tem o ensino médio e a partir do término do ensino fundamental passem a ajudar nas tarefas mais pesadas.

Portanto, o trabalho na agricultura é desenvolvido por todos. Cabe a mulher e aos filhos garantir os serviços domésticos e a criação de animais e aos homens o trabalho no roçado.

4.1.2.3 Renda das famílias

As rendas advindas das profissões de serrador, carpinteiro, marceneiro, artesão de canoa, barqueiro (frete), professor e agente de saúde, variaram de um mínimo de R\$ 100,00 reais a um máximo de R\$ 4.000,00 reais, menos de 1%, responderam ter algum membro da família realizando essas atividades. Porém, a renda como diarista/emprego variou de R\$ 60,00 a R\$ 2.600,00 reais, sendo que 19,4% afirmaram ter algum familiar que desempenha esta atividade.

No entanto, a renda advinda da aposentadoria variou de R\$ 465,00 reais a R\$ 1.395,00 reais, dependendo do número de aposentados presentes nas casas. Sendo assim, 33,2% dos entrevistados têm algum familiar aposentado em sua residência.

Já a renda referente a algum programa do governo, 41,4% responderam que recebem algum auxílio, sendo o Bolsa-Família (GRÁFICO 19) o único na região, apesar de ter a RESEX Arapixi que corta uma parte do rio Purus e moradores poderiam ganhar o Bolsa-Floresta lançado pelo governo do Amazonas para famílias que moram em áreas de unidades de conservação, sendo assim, a renda variou de R\$ 20,00 reais a R\$ 190,00 reais, sendo que 24,9% possuem renda menor que R\$ 100,00 reais e 39,7% com rendas maior que R\$ 120,00 reais.

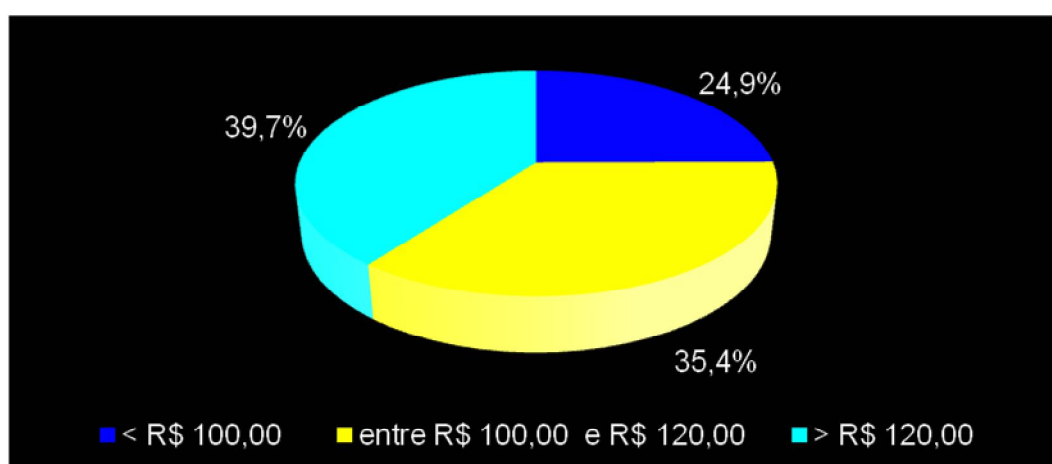


GRÁFICO 19 - Valor do Bolsa-Família recebido por moradores.

Quando indagados se possuíam alguma dívida, 32,1% afirmaram possuir dívidas referentes a empréstimo ou financiamento, variando de R\$ 100,00 a R\$ 20.000,00 reais. No gráfico abaixo se verifica que 44% possuem dívidas entre mil e cinco mil reais e 35,4% possuem dívidas abaixo de mil reais.

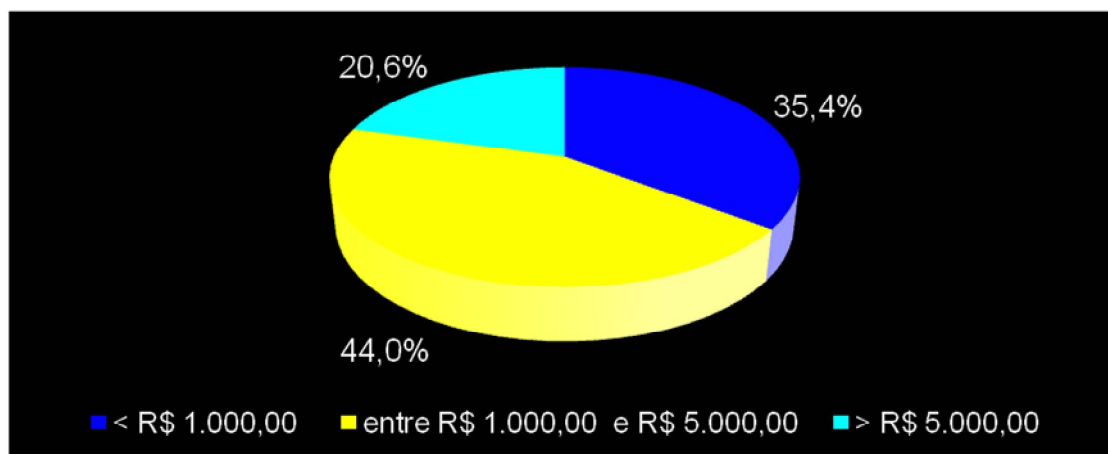


GRÁFICO 20 - Valor da dívida.

4.1.2.4 Cultura de subsistência

A média de roçado de arroz por família é de um hectare. O roçado total aberto para o plantio do ano em curso foi de 52,4 ha. Dentre as famílias entrevistadas, (81%) preparam o roçado.

A tabela abaixo apresenta as culturas de ciclo curto, produzidas pelas comunidades.

TABELA 10 - Produção anual de grãos nas comunidades

Parâmetro	Produção (em kg)		
	Arroz	Feijão	Milho
Nº de Famílias	47	205	223
Média	498,5	312,8	497,5
Máximo	1.925	6.000	4.000
Mínimo	50	10	20
Total	23.430	64.125	110.938

As três culturas mencionadas (milho, arroz e feijão) são as mais importantes. O milho é utilizado na alimentação das galinhas, patos, porcos, cabras, entre outros. Contudo só ocorre a comercialização dos mesmos, caso haja excedentes.

4.1.2.5 Outros cultivos

Outras culturas relativamente mais importantes atualmente nas comunidades são a mandioca, expressa em kg de farinha e o tabaco.

Constata-se que tabaco é cultivado por uma minoria de famílias em relação à mandioca. A mandioca por sua vez, é cultivada por mais da metade das famílias (TABELA 11).

TABELA 11 - Culturas de ciclo médio registradas

Parâmetro	Produção (em kg)	
	Mandioca	Tabaco
N ^o de Famílias	251	7
Média	1.712,1	98,4
Máximo	20.000	270
Mínimo	10	4
Total	429.739	689

A produção de mandioca é também utilizada para as criações, no entanto a sua maior parte é beneficiada nas casas de farinha e transformada em farinha que juntamente com o feijão e o arroz compõe a base da alimentação das famílias.

4.1.2.6 Frutas cultivadas

Quanto às espécies frutíferas cultivadas, destacam-se a melancia e banana. Mas é dentre elas que se percebe o maior desperdício, por falta de comercialização.

A TABELA 12, a seguir, discrimina a quantidade de frutas cultivadas, mostrando que menos da metade das famílias cultivam estas frutas.

TABELA 12 - Principais frutíferas cultivadas nas comunidades

Parâmetro	Frutíferas Plantadas	
	Banana (Cachos)	Melancia (Und.)
Nº de Famílias	11	166
Média	688,2	229,6
Máximo	3.600	2.000
Mínimo	20	50
Total	7.570	38.124

4.1.2.7 Extrativismo

Quanto às espécies extrativistas (TABELA 13) as mais extraídas, destacam-se a castanha e o cacau, apesar do baixo número de famílias que desenvolvem esta atividade, o extrativismo se torna um complemento de renda para estas.

TABELA 13 - Espécies vegetais extrativistas registradas

Parâmetro	Produção		
	Açaí (latas)	Castanha (latas)	Cacau (frutos)
Nº de Famílias	15	72	50
Média	50,7	163,8	3.554
Máximo	300	1.000	17.000
Mínimo	5	10	1.000
Total	761	11.790	177.700

A Castanha do Brasil é o segundo produto extrativista em importância com uma média de 164 latas por família (1 lata = 20 litros = 13 kg). Sua coleta é realizada aproximadamente de dezembro a fevereiro.

É preciso analisar que as atividades próprias do extrativismo envolvem toda a família, da qual cada um dos membros desempenha uma tarefa, retratando uma

divisão de trabalho que se organiza com diferenciação de papéis por sexo e por faixa etária.

4.1.2.8 Criações e produtos de origem animal

A criação de animais é bastante diversificada e expressiva entre as famílias. Dentre os animais criados a TABELA 14, apresenta as informações referentes à quantidade de animais domésticos criados. Sendo assim, a criação que mais se destaca é a de galinhas, que envolve 91,1% das famílias e tem participação fundamental, tanto na segurança alimentar como na composição da renda familiar, o plantel chega atingir uma média de 26 galinhas por família.

TABELA 14 - Animais domésticos criados e produtos de origem animal

Parâmetro	Item							
	Gado (und.)	Cavalo (und.)	Burro (und.)	Galinha (und.)	Pato (und.)	Porco (und.)	Cabra (und.)	Leite (litro)
Nº de Famílias	185	43	5	330	155	106	16	17
Média	25,08	3,51	2,2	26,7	7,47	5,85	12,19	699,4
Máximo	250	20	9	250	30	60	60	7.200
Mínimo	2	1	1	1	1	1	2	30
Total	4639	151	11	8.827	1.158	621	195	11.890

A criação de gado também é expressiva entre as famílias, no entanto não representa importância na composição da renda e dieta alimentar básica das famílias. A atividade pecuária é uma espécie de “poupança”, por causa da grande liquidez, demonstrando com isso que parte da renda obtida do extrativismo está sendo aplicada na pecuária. Ai está uma grande preocupação, pois a cadeia produtiva da pecuária de corte pode desmontar toda uma cadeia produtiva baseada na floresta, como também extinguir uma forma de vida peculiar e marcada por uma cultura tipicamente amazônica estabelecida a partir do extrativismo.

As demais criações como o porco, a cabra e o pato, têm também o propósito principal de incrementar o cardápio da família e apenas o necessário é

comercializado. Também são criados equinos (cavalo e burro) muito utilizados como tração animal no transporte da produção, principalmente da castanha.

4.1.2.9 Caça

Há uma grande diferença na disponibilidade de caça e de pesca nas comunidades. A TABELA 15 discrimina os animais caçados, de acordo com as entrevistas, onde 47% afirmaram que costuma caçar algum destes animais.

TABELA 15 - Espécies que as famílias costumam caçar

Espécies Caçadas	Nº de Famílias	Frequência
Tatu	137	80,6%
Veado	103	60,6%
Porco do mato/Queixada	144	84,7%
Anta	36	9,9%
Capivara	48	28,2%
Paca	150	88,8%
Jabuti	55	32,5%
Jacu	85	50,0%
Nambu	95	55,9%
Macaco	38	22,4%
Cutia	55	32,5%
Jacamim	13	7,6%
Jacaré	2	1,2%
Onça	2	1,2%
Papagaio	1	0,6%

Embora os dados acima não possam ser considerados expressão da realidade da caça na comunidade, uma vez que são baseados apenas na memória do entrevistado, entretanto, praticamente é a única fonte de proteína animal da comunidade, a não ser para as famílias que criam animais domésticos em quantidade suficiente para suprir suas necessidades.

4.1.2.10 Pesca

Dos entrevistados apenas 30,9% (112 pessoas) afirmaram praticar a pesca, apesar de morarem em local propício a esta prática, sendo assim, consomem em média 500,00 kg por família, totalizando 56.000,00 kg ao ano, aproximadamente.

4.1.2.11 Local de venda da produção

Como já mencionado, os itens que possuem maior produção são: castanha, cacau, farinha, arroz, milho e feijão. São criados também animais de pequeno e médio porte. Embora os produtos agrícolas concentrem uma maior produção, servem em sua grande maioria para consumo, a exemplo do feijão, milho e farinha. Abaixo segue um gráfico que mostra onde os entrevistados costumam vender sua produção.

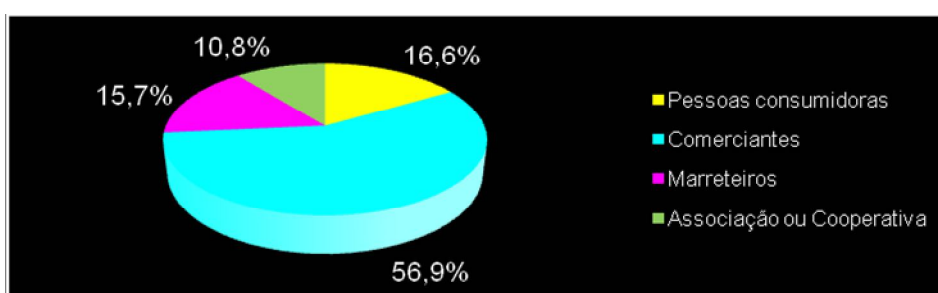


GRÁFICO 21 - Onde costumam vender a produção agroextrativista.

Deste modo, a produção é comercializada 56,9% para comerciantes na cidade, 16,6% para pessoas consumidoras e 15,7% para marreteiros nas comunidades e 10,8% para associação ou cooperativa que passa comprando na comunidade.

A produção que é vendida na cidade, na sua maioria é transportada sempre pelo próprio produtor, através de barcos pelos rios, o mesmo se encarrega de oferecer e negociar o melhor preço no comércio varejista ou direto com consumidor.

4.1.3 Aspectos relacionados à produção de cacau

O extrativismo de cacau é a maneira para os ribeirinhos conseguirem dinheiro, já que a maioria deles se dedica apenas à agricultura de subsistência e a criação de animais domésticos.

Os ribeirinhos de Boca do Acre trabalham com o cacau durante três meses (março a maio). Dos entrevistados 13,8% extraem cacau para vender, ou seja, 86,2% não extraem.

Sendo assim, os resultados apresentados a seguir mostram as principais características extrativistas relacionadas com as comunidades pesquisadas que extraem cacau nativo.

4.1.3.1 A pretensão de continuar a extração de cacau

Dos entrevistados 96,0% pretende continuar extraindo cacau, demonstrando o interesse por parte deste em obter uma renda a mais através desta atividade, sendo decisivo para manutenção, incentivo e o fortalecimento da atividade, criando assim, subsídios para implementação de políticas públicas que visem melhorar o preço e a qualidade do produto.

4.1.3.2 Modo de extração cacau do nativo

A extração do cacau é feita somente com os frutos maduros. Pois, o amadurecimento dá-se uma contração na polpa e as sementes ficam quase livres, presas apenas ao cordão central; desse modo, ao receber pancadas manuais, o fruto emite um som característico. No entanto, se for extraído frutos verdes quando misturados com maduros e passados, dá como consequência um produto de fermentação desigual, de mau aspecto e de cotação baixa no mercado.

De posse destas informações os extrativistas das comunidades realizam a extração do seguinte modo, em todos os pés 55,1% dos entrevistados, em quase todos os pés 34,7% e na maior parte dos pés 10,2% e ao relacionar estes dados com o número de frutos que sobram nos pés, verificou-se que 26,5% deixam muitos frutos, 61,3% deixa poucos frutos e 12,2% não deixam frutos, sendo que os que deixam pouco ou muitos frutos fazem isso porque não conseguem extrair os frutos por estarem no alto dos pés, mostrando que eles não se preocupam em deixar alguns pés sem explorar, sendo necessário conscientizar ou implementar algum protocolo de manejo que auxiliem essas famílias sobre o que é o desenvolvimento sustentável, para evitar que futuramente falte cacau.

Das 50 famílias que afirmaram extrair cacau, 81,6% entrevistados estão dispostos a aprender e a fazer por conta própria a limpeza do cacau na mata (podas) para que o cacaueiro produza mais.

4.1.3.3 Ocorrência de plantação e pretensão de plantar

Dos 362 entrevistados, 3,3% afirmaram que estão plantando cacau em suas áreas, sendo que o número de pés plantados variou de 15 pés a 2.000 pés, com áreas de 0,5 ha a 5,0 ha. Já 39,5% têm pretensão de plantar cacau em suas áreas. Apesar de ocorrer a domesticação do cacau por parte destes, a Hachez empresa alemã, não compra essa produção, pois o marketing da empresa é o cacau silvestre.

4.1.3.4 Algum produto rende mais pelo dia trabalhado do que cacau

De acordo com os entrevistados que afirmaram extraírem cacau, 81,6% acreditam que o cacau é um produto que rende mais pelo dia trabalhado, devido à facilidade e o tempo gasto na atividade. Pois enquanto se passa o dia todo para encher uma lata de castanha ou fazer o roçado, com o cacau em um dia de trabalho, consegue-se retirar muitos frutos e obtêm uma renda mais “rápida”, ou seja,

sobrando tempo para outras atividades, além do mais toda família pode participar, não sendo necessária a participação efetiva do sexo masculino.

Já 18,4% afirmaram que tem algum produto que rende mais pelo dia trabalhado, sendo segundo eles a banana, a mandioca (farinha), castanha e pecuária os produtos que rendem mais.

4.1.3.5 O porquê de não coletar frutos de cacau

No GRÁFICO 22 é possível verificar que 58,7% das pessoas preferem trabalhar com outros produtos/atividades que não seja cacau, 47,8% que não sabia que estavam comprando cacau, 36,9% que o preço não paga o trabalho, 35,9% que tem pouco cacau na sua área, 14,4% que não tem cacau perto da sua área e 10,6% que outras pessoas estão colhendo próxima a área da sua casa.

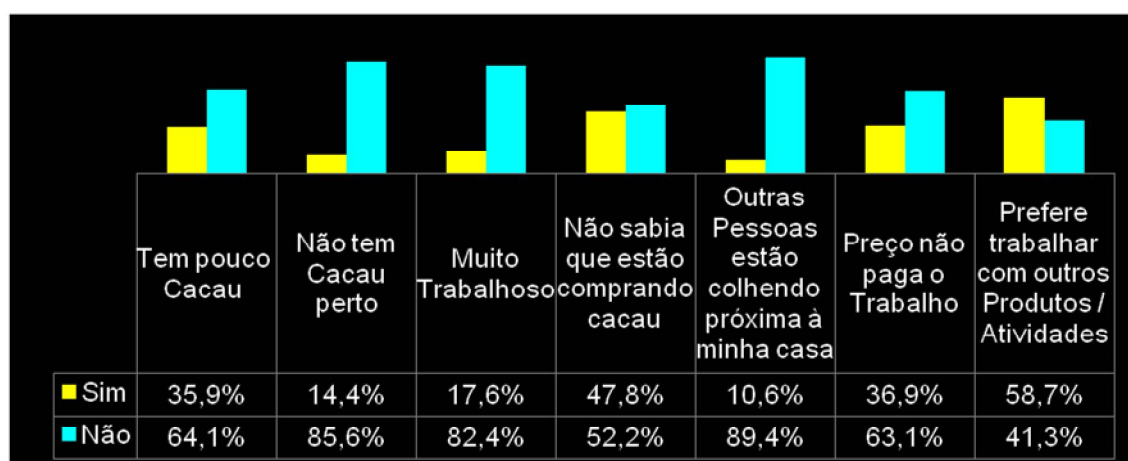


GRÁFICO 22 - O porquê de não extrair cacau.

5 CONCLUSÕES

De acordo com as análises efetuadas e com os objetivos deste trabalho pode-se concluir que:

- 1 - O número médio de integrantes por família é de 5 pessoas.
- 2 - Dos entrevistados 60,2% dos responsáveis pela casa são analfabetos ou sabem ler e escrever com dificuldade.
- 3 - As comunidades são caracterizadas por uma população jovem.
- 4 - A questão da saúde é um dos grandes ou se não maiores problemas que estas comunidades enfrentam ao longo de anos. 85,2% das casas não possui banheiro nem dentro e nem fora da casa.
- 5 - Os principais produtos cultivados nos roçados são atualmente arroz, milho, feijão, banana e mandioca (farinha).
- 6 - A criação mais expressiva é a de aves, onde cerca de 91,1% dos agricultores exploram essa atividade. A criação de gado também é expressiva entre as famílias, no entanto não representa importância na composição da renda e dieta alimentar básica das famílias.
- 7 - De todas as atividades antrópicas que ocorrem nas comunidades, a pecuária é a que mais ameaça o ecossistema.
- 8 - A agricultura itinerante, praticada em toda a região, também representa uma ameaça à conservação tendo em vista que também há necessidade da retirada da cobertura florestal para o plantio.
- 9 - A principal fonte de renda extra observada nas Comunidades foi à aposentadoria e o Programa do Governo Bolsa Família.
- 10 - Percebeu-se que o cacau é de importância incalculável para a região, em virtude da grande demanda para exportação.
- 11 - De acordo com os entrevistados que afirmaram extraírem cacau, 81,6% acreditam que o cacau é um produto que rende mais pelo dia trabalhado.
- 12 - 58,7% das pessoas que não extraem cacau, responderam que preferem trabalhar com outros produtos/atividades.
- 13 - O cacau torna-se um produto a mais na cesta do MFC.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário um acompanhamento voltado para os agricultores das comunidades, desenvolvendo trabalhos com sistemas agroflorestais com produtores que façam parte de associações, pois a precariedade e a falta de assistência técnica local têm impossibilitado o crescimento e o desenvolvimento da região.

Desenvolver e aplicar estratégias conservacionistas (reaproveitamento das áreas degradadas), que possam contribuir para manter a mata nativa das comunidades.

Maiores investimentos nas áreas da educação e saúde poderiam evitar o aumento da migração do meio rural para a capital. O fortalecimento de uma política de preços e de mercado coerentes, incentivando e apoiando a agregação de valor aos produtos agropecuários no meio rural.

Garantir a manutenção do meio ambiente, pois é preciso criar e reunir condições para que as comunidades instaladas nas áreas florestais possam delas tirar seu sustento mantendo seu capital em recursos naturais, papel este que pode ser desenvolvido pela COOPERAR juntamente com as famílias envolvidas no processo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. C. de; BRITO, A. M. de. Manejo do cacauzeiro silvestre em várzea do estado do Amazonas, Brasil. **Revista Agrotrópica**, Itabuna, v. 15, n. 1, p. 47-52, jan./abr. 2003.

AMARAL, P.; VERÍSSIMO, T.; ARAUJO, C. S.; SOUZA, H. de. **Guia para o manejo florestal comunitário**. Belém: Imazon, 2007. 75 p.

AMAZONAS. Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico. **Índice de desenvolvimento humano: perfil municipal – Amazonas 2006**, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <<http://www.seplan.am.gov.br/planejamento/ddr/Condensadov3/Conteudo/sumario3.html>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

ANDRADE, A. L. G. de. Reservas extrativistas e desenvolvimento florestal sustentável. In: ENCONTRO NACIONAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA ECOLÓGICA, 1., 1996, Campinas, SP. **Anais...** Campinas: Encontro Nacional da ECOECO, 1996. p. 1-18.

ARAÚJO, H.J.B.; OLIVEIRA, L.C. **Manejo florestal sustentado em áreas de reserva legal de pequenas propriedades rurais do Projeto de Colonização Pedro Peixoto - Acre**. Rio Branco, AC: Embrapa Acre, 1996. 8 p. (Pesquisa em andamento, 89).

ARCO-VERDE, M. F.; MOURÃO JÚNIOR, M.; LOPES, C. E. V. **Diagnóstico sócio-econômico em áreas de pequenos produtores rurais no Estado de Roraima**. Boa Vista, RR: Embrapa Roraima, 2002. 15 p. (Boletim de pesquisa e desenvolvimento, 4).

BARBOSA, D. **Cacau selvagem da Amazônia vira chocolate fino na Europa**. Disponível em: <<http://www.globoamazonia.com/Amazonia/0,,MUL1224920-16052,00CACAU+SELVAGEM+DA+AMAZONIA+VIRA+CHOCOLATE+FINO+NA+EUROPA.html>>. Acesso em: 24 out. 2009.

BATISTA, L. M. **Muito além dos seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará, c.1850 – c.1870**. 2004. 283 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

BENATTI, J. H. **Aspectos jurídicos e fundiários da utilização social, econômica e ambiental da várzea**. Rio de Janeiro: Rede Amazônica, 2004. (Boletim Rede Amazônica, 3).

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. **Caderno de informações de saúde 2009**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/tabdata/cadernos/am.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

BRITO, B; BARRETO, P. **Os riscos e os princípios para a regularização fundiária na Amazônia**. Belém: Imazon, 2010. 4 p. (O estado da Amazônia, n. 3). Disponível em: <<http://www.imazon.org.br/publicacoes>>. Acesso em: 01 mar. 2010.

CAVALCANTI, F. J. B.; RODRIGUES, E. ; SILVA, Z. A. G. P. da G. e; BRAZ, E .M.; AMARO, M. A. **Floresta Estadual do Antimary: estudos básicos: sinopse**. 1. ed. Rio Branco, AC: Editora Poronga, 1996. v. 2. 206 p.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICIPIOS. **Produto interno bruto do município de Boca do Acre**. Disponível em: < http://www.cnm.org.br/pib/mu_pib_geral.asp>. Acesso em: 02 nov. 2009.

COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA. **Cacau história e evolução**. Disponível em: < http://www.ceplac.gov.br/radar/radar_cacau.htm>. Acesso em: 02 nov. 2009.

HOMMA, A. K. O. **História da agricultura na Amazônia: da era Pré-Colombiana ao terceiro milênio**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. 274 p.

HOMMA, A. K. O. **Extrativismo, biodiversidade e biopirataria na Amazônia**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2008. 97 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sistema IBGE de recuperação automática – SIDRA. Disponível em: < <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=73&z=t&o=23>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO E FLORESTAL SUSTENTÁVEL DO ESTADO DO AMAZONAS. **Perfil socioeconômico dos municípios do estado do Amazonas 2008**. Disponível em: <<http://www.idam.am.gov.br/dados.php>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

LIMA, D. M. **Ribeirinhos, pescadores e a construção da sustentabilidade nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões**. Rio de Janeiro: Rede Amazônica, 2004. (Boletim Rede Amazônia, 1).

MELO, M. D. de. **Boca do Acre: seus povoadores**. Manaus: Editora Valer, 2008. 202 p.

MENDES, F. A. T. **A cacauicultura na Amazônia brasileira: potencialidades, abrangência e oportunidades de negócio**. Belém, PA: UNAMA, 2000 (Movendo Idéias, 8).

MENDES, F. A. T.; REIS, S. M. dos. A cacauicultura na transamazônica versus preservação ambiental. In: MENDES, F. A. T. (Org.). **Economia do cacau na Amazônia**. Belém, PA: UNAMA, 2005. cap. 4, p. 73-80.

MENDES, F. A. T. A importância da cultura do cacau para Amazônia. In: _____. (Org.). **Economia do cacau na Amazônia**. Belém, PA: UNAMA, 2005. cap. 1, p. 21-40.

MENDES, F. A. T. **A sustentabilidade sócio-econômica das áreas cacauíferas na transamazônica: uma contribuição ao desenvolvimento regional**. 1997. 105 f. Tese (Doutorado em Economia Aplicada) - Departamento de Economia, Administração e Sociologia, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 1997.

NOGUEIRA, P. de C. M. Sustentabilidade econômica do cacauíeiro e sua contribuição para o desenvolvimento da Amazônia. In: MENDES, F. T. (Org.). **Economia do cacau na Amazônia**. Belém, PA: UNAMA, 2005. cap. 2, p. 41-56.

OLIVEIRA, K. A. de. **Classificação de imagens landsat 5 para mapeamento do cacauíeiro nativo (*Theobroma cacao* L.), do Rio Purus – Amazonas**. 2010. 67 p. Monografia (Graduação em Engenharia Florestal) – Centro de Ciências Biológicas e da Natureza, Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC, 2010.

OLIVEIRA, M. L. da C. de. **Escravidão indígena na Amazônia colonial**. 2001. 105 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

PEREIRA, S. M. Da economia colonial à crise da borracha. In: ENCONTRO DE ECONOMIA POLÍTICA, 5, 2000, Fortaleza, CE. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: Sociedade Brasileira de Economia, 2000. Disponível em: <http://www.sep.org.br/pt/artigo_old_list.php?id=5>. Acesso em: 26 out. 2009.

PROJETO PURUS. **Sub-rede Purus**. Disponível em: <<http://www.geomatica.ita.br/purus/index.asp>>. Acesso em: 02 nov. 2009.

RAVENA, N.; RAVENA-CAÑETE, V.; SOUZA, C. L. de; SOUSA, R. M.; ROCHA, W. M. La gestión del agua en la Amazonía: los actores sociales, marcos normativos y las escalas. In: ZAMUDIO, H. B.; SIERRA, C. H.; ÂNGULO, M. (Org.). **Amazonia y agua: desarrollo sostenible en el siglo XXI**. Bilbao: Unesco Extea, 2009, cap. 15, p. 517-533.

RIBEIRO, R. N. da S.; TOURINHO, M. M.; SANTANA, A. C. de. Avaliação da sustentabilidade agroambiental de unidades produtivas agroflorestais em várzeas flúvio marinhas de Cametá - Pará. **Acta Amazônica**, Manaus, v. 34, n. 3, p. 359-374, jul./set. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v34n3/v34n3a03.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2009.

RODRIGUES, E. **Estudo sócio-econômico e análise de viabilidade da reserva extrativista do São Luis do Remanso**. 1996. 139 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Florestal) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 1996.

RODRIGUES, E. **Mapeamento das relações sócio-econômicas das Reservas Extrativistas do Cachoeira e do São Luis do Remanso**. 1. ed. Rio Branco, AC: FUNTAC, 1991. v. 5. 82 p.

RODRIGUES, E.; HALK, T.; ANDRADE, K.; COUTINHO, J. **Primeira expedição ao Rio Purus**. Rio Branco, AC: UFAC, 2008 Relatório de Memória, (Relatório de pesquisa).

RODRIGUES, E.; ROSSI, K.; FRANKLIN, H.; RICARDO, I. **Segunda expedição ao Rio Purus**. Rio Branco, AC: UFAC, 2009 Relatório de Memória, (Relatório de pesquisa)

RUEDA, R. P. **A diminuição do extrativismo na Amazônia**. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/textos/h6.htm>>. Acesso em: 24 out. 2009.

RUEDA, R. P. **A ação das madeiras na Amazônia.** Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/resex/textos/h7.htm>>. Acesso em: 24 out. 2009.

SALGADO, I. **Manejo florestal e manejo florestal comunitário:** perspectivas e limites para a conservação produtiva de recursos madeiros na Amazônia brasileira. Altamira: Laboratório Agroecológico da Transamazônica, 1999, 14 p. Disponível em: <<http://www.laet.org.br/publicações.htm>>. Acesso em: 29 set. 2009.

SURGIK, A. C. S. Estudo jurídico para a várzea amazônica. In: Benatti, B. H.. (Org.). **A questão fundiária e o manejo dos recursos naturais da várzea: análise para a elaboração de novos modelos jurídicos.** Manaus: Edições IBAMA/ProVárzea, 2005, v. 1, p. 15-32.

WAICHMAN, A. V.; SOUSA JÚNIOR, W. C.; JAIME, A. L. G.; SINISGALLI, P. Gestão das águas na Amazônia: a bacia do rio Purus. In: WORKSHOP GESTÃO ESTRATÉGICA DE RECURSOS HÍDRICOS, 1. 2006, Porto Alegre. **Anais....** Porto Alegre: ABRH, 2006. p. 4.

WITKOSKI, A. C. Florestas de trabalho: os camponeses amazônicos de várzea e as formas de uso dos seus recursos naturais. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 2. 2004, Indaiatuba. **Resumos...** Indaiatuba: ANPPAS, 2004. p. 30.

GLOSSÁRIO

ARGILA - é uma família de minerais filossilicáticos hidratados, aluminosos de baixa cristalinidade e diminutas dimensões (partículas menores do que 1/256 mm ou 4 µm de diâmetro).

ARROUBA - é uma antiga unidade de medida de massa usada em Portugal e no Brasil; de massa e volume usadas na Espanha e na América Latina; e de massa do sistema imperial de medidas.

AFLUENTES - é o nome dado aos rios menores que deságuam em rios principais.

BIODIVERSIDADE - descreve a riqueza e a variedade do mundo natural.

CACAUCULTURA - é a atividade agrícola relacionada à plantação de cacau.

CENSO - é uma pesquisa sobre a população que possibilita a recolha de várias informações, tais como o número de habitantes, o número de homens, mulheres, crianças e idosos, onde e como vivem as pessoas e o trabalho que realizam, entre outras coisas.

COMENDADOR - é quem ganhou uma medalha (comenda). Podendo ser chamado nobre, barão, visconde etc.

DEVASTAÇÃO - é a exploração predatória dos recursos naturais como queimadas e desmatamentos, ou secamentos de lagoas entre outras coisas.

LONGEVIDADE - significa vida longa, dilatada, seu significado é relacionado à expectativa de duração de vida, determinada por vários fatores.

RÉIS - era o plural do nome das unidades monetárias de Portugal, do Brasil e de outros países lusófonos, que também é denominada como real, sendo utilizada desde o período colonial até o advento de moedas substitutas.

SUSTENTABILIDADE – é um conceito sistemático que está relacionado com a continuidade dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana.

TRANSAMAZÔNICA – é usada para designar a Rodovia Transamazônica (BR-230) ou a região que compreendi a rodovia.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Formulário do levantamento sócio-econômico modelo A.

Formulário para Colocações / Comunidades Ribeirinhas do Purus - A
Projeto Manejo Comunitário do Cacau Nativo na Várzea do Médio Rio Purus -
AM (UFAC / COOPERAR / CNPQ)

- 1) Data de Aplicação: _____
- 2) Nome Completo do Produtor(a) Entrevistado: _____
- 3) Nome Completo do Responsável pela Casa: _____
- 4) Sexo do Responsável pela Casa: ☐ 1 Masculino ☐ 2 feminino
- 5) Idade do Responsável pela Casa: _____
- 6) Situação Conjugal do Responsável pela Casa:
- ☐ 1 casado ☐ 3 solteiro ☐ 5 separado / desquitado
- ☐ 2 ajuntado ☐ 4 viúvo
- 7) Município de Nascimento do Responsável pela Casa: _____
- 7.1) UF de Nascimento do Responsável pela Casa: _____
- 8) Que Documentos o Responsável pela Casa Possui?
- 8.1) Certidão de Nascimento ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 8.2) Identidade ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 8.3) CPF ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 8.4) Título de Eleitor ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 8.5) Certidão de Casamento ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 8.6) Carteira de Sindicato ☐ 1 sim ☐ 2 não

9) Qual o nível de Escolaridade do Responsável pela Casa?

- | | |
|--|---|
| ☐ 1 Analfabeto | ☐ 6 Fundamental (5ª a 8ª) Completo |
| ☐ 2 Sabe Ler e Escrever | ☐ 7 Médio (2º grau) Incompleto |
| ☐ 3 Primário (1ª a 4ª série) Incompleto | ☐ 8 Médio (2º grau) Completo |
| ☐ 4 Primário (1ª a 4ª série) Completo | ☐ 9 Superior Incompleto |
| ☐ 5 Fundamental (5ª a 8ª) Incompleto | ☐ 10 Superior Completo |

10) Número de Moradores da Casa:

- 10.1) Crianças (até 12 anos): _____
- 10.2) Adolescentes (entre 13 e 20 anos): _____
- 10.3) Jovens (entre 21 e 30 anos): _____
- 10.4) Adultos (entre 31 e 59 anos): _____
- 10.5) Idosos (com 60 ou mais anos): _____
- 10.6) Total: _____

11) Quantas Pessoas que moram nesta Casa são do Sexo Feminino? _____

12) Quantos Moradores dessa Casa são Indígenas? _____

13) Quantos filhos(as) do Responsável pela Casa estão Morando na Cidade? _____

14) Quantos moradores dessa casa possuem os seguintes níveis de estudo:

- 14.1) Analfabetos? _____
- 14.2) Sabem Ler e Escrever? _____
- 14.3) Primário (1ª a 4ª série) Incompleto? _____
- 14.4) Primário (1ª a 4ª série) Completo? _____
- 14.5) Fundamental (5ª a 8ª série) Incompleto? _____
- 14.6) Fundamental (5ª a 8ª série) Completo? _____
- 14.7) Médio (2º grau) Incompleto? _____
- 14.8) Médio (2º grau) Completo? _____
- 14.9) Superior Incompleto? _____
- 14.10) Superior Completo? _____

15) Quantos Moradores dessa Casa frequentam a Escola? _____

16) Quantos Moradores dessa Casa são Portadores de Deficiência Física ou Mental? _____

17) Essa Casa recebe Atendimento de:

17.1) Médico? ☐ 1 sim ☐ 2 não

17.2) Dentista? ☐ 1 sim ☐ 2 não

17.3) Agente de Saúde? ☐ 1 sim ☐ 2 não

18) Quando algum Morador dessa Casa Adoece, onde é Tratado?

18.1) Na Cidade? ☐ 1 sim ☐ 2 não

18.2) Na própria Casa? ☐ 1 sim ☐ 2 não

19) Que Tipo de Remédios são dados aos Doentes dessa Casa?

19.1) Da Farmácia? ☐ 1 sim ☐ 2 não

19.2) Caseiros? ☐ 1 sim ☐ 2 não

20) Qual o Tamanho da sua Casa (em m²)? _____

21) Quantos Cômodos essa Casa Possui? _____

21.1) A sua Casa possui Banheiro? ☐ 1 sim ☐ 2 não

22) Quantos Anos Faz que sua Casa foi Construída ou Reformada (considerar o período mais curto)? _____

23) Informar quantos dos Seguintes Bens os Membros de sua Casa Possuem:

23.1) Canoa: _____ 23.6) Geladeira ou Freezer: _____

23.2) Motor p/ Canoa (rabeta): _____ 23.7) Televisão: _____

23.3) Casco p/ Voadeira: _____ 23.8) Rádio (comum): _____

23.4) Motor p/ Voadeira: _____ 23.9) Barco: _____

23.5) Fogão: _____

23.10) Especificar o Tipo do Barco (capacidade de carga e motor): _____

24) Nome da Colocação/Seringal na qual Mora: _____

25) Há quanto tempo mora nessa Colocação (indicar se anos ou meses)? _____

26) Antes de Morar nessa Colocação, morava em alguma outra Colocação Próxima? ☐ 1 sim ☐ 2 não

27) Essa família já morou em alguma cidade? ☐ 1 sim ☐ 2 não

28) Qual a Situação Legal da Área que esta Família (desta casa) Ocupa?

- | | |
|---|---|
| ☐ 1 Posse, sem Documento | ☐ 5 Permissão Oral do Dono da Terra |
| ☐ 2 Posse, com Documento | ☐ 6 Permissão Escrita do Dono da Terra |
| ☐ 3 Arrendamento | ☐ 7 Outra |
| ☐ 4 Escritura Própria | |

28.1) Especificar Outra: _____

29) Qual a área sob Domínio desta Casa (família)?(informar se ha, m² etc.)

Obs: incluir os roçados e pastagens particulares, a área de extrativismo privativo e o terreno da casa.

30) Qual a área sob Domínio desta Casa que está Desmatada? (informar se ha, tarefa, m² etc.) _____

Obs: incluir os roçados e pastagens particulares, as capoeiras com menos de 2 anos e o terreno da casa.

31) Quantos Moradores desta Casa Trabalham na Produção Agroextrativista?

32) Alguém nessa Casa Trabalha em alguma das seguintes Profissões:

- | | | |
|--------------------------|--------------------------------|--------------------------------|
| 32.1) Serrador: | ☐ 1 sim | ☐ 2 não |
| 32.2) Carpinteiro: | ☐ 1 sim | ☐ 2 não |
| 32.3) Marceneiro: | ☐ 1 sim | ☐ 2 não |
| 32.4) Artesão de Canoa: | ☐ 1 sim | ☐ 2 não |
| 32.5) Barqueiro (frete): | ☐ 1 sim | ☐ 2 não |
| 32.6) Professor: | ☐ 1 sim | ☐ 2 não |
| 32.7) Agente de Saúde: | ☐ 1 sim | ☐ 2 não |

33) Qual a renda mensal dessas profissões na sua casa? _____

34) Na sua casa, a partir de que idade as crianças passam a trabalhar como os adultos (o dia inteiro)? _____

35) Na sua casa, quando as crianças estão na idade em que podem trabalhar como os adultos, o que é mais importante?

- ☐ 1 que ela trabalhe ☐ 3 que ela trabalhe e estude
☐ 2 que ela estude

36) Quantas Horas por Dia Trabalham, em média, os Produtores desta Casa (Homens): _____

37) Quantas Horas por Dia Trabalham, em média, as Produtoras desta Casa (Mulheres): _____

38) Quantos Moradores desta Casa são Aposentados? _____

38.1) Qual a Renda Mensal de Aposentadorias desta Casa? _____

39) Alguém nessa Casa recebe Bolsa Família? ☐ 1 sim ☐ 2 não

39.1) Qual o Valor de Bolsa Família recebido por Moradores dessa Casa (total)? _____

40) Alguém nessa Casa recebe Bolsa Floresta? ☐ 1 sim ☐ 2 não

40.1) Qual o Valor de Bolsa Floresta recebido por Moradores dessa Casa (total)? _____

41) Quantos Moradores desta Casa Trabalham como Empregados ou Diaristas (com frequência)? _____

41.1) Qual a Renda Mensal de Empregados/Diaristas dessa Casa (total)? _____

42) Essa Casa contrata algum Trabalhador como Empregado ou Diarista?

☐ 1 sim ☐ 2 não

43) Os Moradores desta Casa possuem Dívidas? ☐ 1 sim ☐ 2 não

43.1) Quanto de Dívidas (R\$)? _____

44) Quantos Moradores desta Casa foram Soldados da Borracha? _____

45) Quantas Mudas de Árvores foram Plantadas pelos Membros desta Casa no Ano Passado (2008)? _____

46) Quantos pés de Fruteiras o Terreno dessa Casa possui? _____

47) Os Moradores dessa Casa praticam Agricultura de Corte (derrubada) e Queima (nos roçados)?

☐ 1 sim ☐ 2 não

48) Qual a área de roçado (floresta derrubada p/ agricultura) sob domínio exclusivo dessa casa? _____ (informar se ha, tarefa etc.)

48.1) Qual a área de roçado coletivo utilizado por essa casa?

_____ (informar se ha, tarefa etc.)

49) Qual a área de pastos sob domínio exclusivo dessa casa?

_____ (informar se ha, tarefa etc.)

49.1) Qual a área de pastos coletivos utilizados por essa casa?

_____ (informar se ha, tarefa etc.)

50) Algum Morador dessa Casa costuma Plantar nas praias alagáveis dos Rios e Igarapés Próximos?

☐ 1 sim ☐ 2 não

CASO A RESPOSTA TENHA SIDO NÃO, PULAR PARA A QUESTÃO 51

50.1) Se sim, qual a Área Plantada nas Praias normalmente por essa Casa? _____ (indicar se ha, tarefa...)

50.2) Se sim, quais as Culturas normalmente plantadas nas Praias por essa Casa?

50.2.1) Mandioca: ☐ 1 sim ☐ 2 não

50.2.2) Feijão: ☐ 1 sim ☐ 2 não

50.2.3) Arroz: ☐ 1 sim ☐ 2 não

50.2.4) Milho: ☐ 1 sim ☐ 2 não

50.2.5) Gergelim: ☐ 1 sim ☐ 2 não

50.2.6) Melancia: ☐ 1 sim ☐ 2 não

50.2.7) Jerimum: ☐ 1 sim ☐ 2 não

50.2.8) Outras: ☐ 1 sim ☐ 2 não

50.2.9) Especificar Outras: _____

51) Preencher o Quadro a seguir com os Principais Produtos gerados pela Família desta Casa ao longo do Ano:

Nome do Produto	Área Plantada	Quantidade Produzida	Quantidade Vendida	Unidade
Arroz	51.1.1)	51.1.2)	51.1.3)	
Feijão	51.2.1)	51.2.2)	51.2.3)	
Farinha	51.3.1)	51.3.2)	51.3.3)	
Milho	51.4.1)	51.4.2)	51.4.3)	
Castanha	51.5.1)	51.5.2)	51.5.3)	
Açaí	51.6.1)	51.6.2)	51.6.3)	
Cacau	51.7.1)	51.7.2)	51.7.3)	
Leite	51.8.1)	51.8.2)	51.8.3)	
Pesca	51.9.1)	51.9.2)	51.9.3)	
Melancia	51.10.1)	51.10.2)	51.10.3)	
Jerimum/Abóbora	51.11.1)	51.11.2)	51.11.3)	
Madeira	51.12.1)	51.12.2)	51.12.3)	
Borracha	51.13.1)	51.13.2)	51.13.3)	
Óleo de Andiroba	51.14.1)	51.14.2)	51.14.3)	
Óleo de Copaíba	51.15.1)	51.15.2)	51.15.3)	
Gergelim	51.16.1)	51.16.2)	51.16.3)	
Tabaco	51.17.1)	51.17.2)	51.17.3)	
Andiroba (sementes)	51.18.1)	51.18.2)	51.18.3)	
Tucumã (frutos)	51.19.1)	51.19.2)	51.19.3)	
Patoá (frutos)	51.20.1)	51.20.2)	51.20.3)	

52) Como sua Família (morador(a) de sua casa) Vende, normalmente, a Produção Agroextrativista?

52.1) Na cidade, para pessoas consumidoras: ☐ 1 sim ☐ 2 não

52.2) Na cidade, para comerciantes: ☐ 1 sim ☐ 2 não

52.3) Na comunidade, para marreteiros: ☐ 1 sim ☐ 2 não

52.4) Na comunidade, para Associação ou Cooperativa: ☐ 1 sim ☐ 2 não

52.5) Outra: ☐ 1 sim ☐ 2 não

52.6) Especificar Outra: _____

53) Quantidade de Animais que são Criados pelos Moradores dessa Casa:

53.1) Gado: _____ 53.5) Cavalo: _____

53.2) Galinha: _____ 53.6) Burro: _____

53.3) Pato: _____ 53.7) Cabra: _____

53.4) Porco: _____

54) Os Moradores desta Casa costumam Caçar Animais? ☐ 1 sim ☐ 2 não

Se sim, que animais?

54.1) Tatu ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.2) Veado ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.3) Porco do Mato ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.4) Anta ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.5) Capivara ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.6) Paca ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.7) Jabuti ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.8) Jacu ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.9) Nambu ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.10) Macaco ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.11) Outros: ☐ 1 sim ☐ 2 não

54.12) Especificar Outros: _____

55) Você Coleta Frutos de Cacau para Vender? ☐ 1 sim ☐ 2 não

CASO A RESPOSTA TENHA SIDO NÃO, PULAR PARA A QUESTÃO 57

56) Caso Colete Frutos de Cacau:

56.1) Pretende continuar Colhendo Cacau? ☐ 1 sim ☐ 2 não

56.2) Já teve Conflito com algum outro Produtor pelo Direito de Colher Cacau em alguma Área?

☐ 1 sim ☐ 2 não

56.3) Em relação à Quantidade de pés de Cacau que existem próximo a sua Área, você colhe quanto?

- | | |
|---|---|
| ☐ 1 Em todos os pés | ☐ 4 Na menor parte dos Pés |
| ☐ 2 Em Quase todos os Pés | ☐ 5 Em quase Nenhum Pé |
| ☐ 3 Na Maior parte dos Pés | |

56.4) Quando você colhe os Frutos de um pé de Cacau, costumam sobrar Frutos Maduros que não consegue Colher?

- | | |
|---|--------------------------------|
| ☐ 1 Sim, muitos frutos | ☐ 3 Não |
| ☐ 2 Sim, poucos frutos | |

56.5) É uma das Atividades que Rendem mais pelo Dia de Trabalho?

☐ 1 sim ☐ 2 não

56.6) Tem Algum Produto que Rende mais pelo Dia de Trabalho do que o Cacau?

☐ 1 sim ☐ 2 não

56.7) Se sim, quais produtos? _____

CASO O PRODUTOR COLETE FRUTOS DE CACAU, PULAR PARA A QUESTÃO 58

57) Caso não Colete Frutos de Cacau, porque não?

57.1) Tem pouco Cacau na minha Área: ☐ 1 sim ☐ 2 não

57.2) Não tem Cacau próximo à minha Área: ☐ 1 sim ☐ 2 não

57.3) Imagino que Colher Cacau seja muito Trabalhoso: ☐ 1 sim ☐ 2 não

57.4) Não sabia que Estão comprando Cacau: ☐ 1 sim ☐ 2 não

57.5) Outras Pessoas Estão Colhendo na Área Próxima à minha Casa:

☐ 1 sim ☐ 2 não

57.6) Imagino que o Preço não paga o Trabalho: ☐ 1 sim ☐ 2 não

57.7) Prefiro Trabalhar com outros Produtos / Atividades: ☐ 1 sim ☐ 2 não

58) Se você Aprender a Fazer a Limpeza do Cacau na Mata (podas) para ele Produzir mais, Você está disposto a fazer esse Trabalho por conta Própria?

☐ 1 sim ☐ 2 não

59) Algum Morador de sua Casa está Plantando Cacau? ☐ 1 sim ☐ 2 não

CASO A RESPOSTA TENHA SIDO NÃO, PULAR PARA A QUESTÃO 60

59.1) Qual a Área que os Moradores da Sua Casa têm com Plantio de Cacau?

_____ (indicar se ha, tarefa, m² etc.)

59.2) Quantos pés de Cacau os Moradores da Sua Casa já plantaram?

CASO JÁ ESTEJA PLANTANDO CACAU, PULAR PARA A QUESTÃO 61

60) Tem interesse em Fazer um Plantio de Cacau na sua Área? ☐ 1 sim ☐ 2 não

61) Alguém de sua Casa faz parte do Sindicato de Trabalhadores Rurais?

☐ 1 sim ☐ 2 não

62) Alguém de sua Casa faz parte de alguma Associação Local (de produtores, moradores etc.)?

☐ 1 sim ☐ 2 não

CASO A RESPOSTA TENHA SIDO NÃO, ENCERRAR A APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

63) Qual o Nome da Associação Local?

64) Com qual frequência as Associados de sua Casa vão às Reuniões da Associação da qual são Associados?

☐ 1 sempre ☐ 2 às vezes ☐ 3 nunca

65) Normalmente, as Reuniões da Associação ocorrem com qual Frequência?

☐ 1 Menos de 1(uma) vez por ano	☐ 4 trimestralmente
☐ 2 anualmente	☐ 5 mensalmente
☐ 3 semestralmente	☐ 6 semanalmente

66) Quem, na sua casa, participa mais da Associação?

☐ 1 Os homens ☐ 2 As mulheres ☐ 3 Participam Igualmente

67) Na sua Opinião, a Associação tem ajudado a Melhorar a Vida de sua Família?

☐ 1 sim ☐ 2 não

APÊNDICE B – Formulário do levantamento sócio-econômico modelo B.

Formulário para Colocações / Comunidades Ribeirinhas do Purus - B
Projeto Manejo Comunitário do Cacau Nativo na Várzea do Médio Rio Purus - AM
(UFAC / COOPERAR / CNPQ)
APLICAR UM FORMULÁRIO, MESMO QUE SÓ TENHA UMA CASA

- 1) Nome da Colocação/ Comunidade: _____
- 2) Nome do Seringal (se for o caso): _____
- 3) Localização (GPS): _____
- 4) Quantas Casas Existem nessa Colocação/Comunidade? _____
- 5) É uma Colocação/Comunidade Indígena? ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 6) É uma Colocação/Comunidade Quilombola? ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 7) Essa Colocação/Comunidade possui Gerador de Energia? ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 8) Essa Colocação/Comunidade possui Abastecimento de Água Comunitário? ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 9) Essa Colocação/Comunidade possui Posto de Saúde? ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 10) Essa Colocação/Comunidade possui Escola? ☐ 1 sim ☐ 2 não

CASO A RESPOSTA TENHA SIDO NÃO, PULAR PARA A QUESTÃO 11

10.1 Que tipo de Escola?

- 10.1.1 Pré-escola: ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 10.1.2 1ª a 4ª Série: ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 10.1.3 5ª a 8ª Série: ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 10.1.4 Alfabetização de Adultos: ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 11 Essa Colocação / Comunidade possui Associação Local? ☐ 1 sim ☐ 2 não

CASO A RESPOSTA TENHA SIDO NÃO, ENCERRAR O QUESTIONÁRIO

- 11.1 Qual o nome da Associação Local? _____
- 11.2 Qual o Tipo da Associação Local?
- 11.2.1 Moradores: ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 11.2.2 Produtores: ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 11.2.3 Mulheres: ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 11.2.4 Outra: ☐ 1 sim ☐ 2 não
- 11.2.5 Especificar Outra: _____
- 11.3 Quantos sócios a Associação Local Possui?
- 11.3.1 Quantos Homens: _____ 11.3.3 Total de Sócios: _____
- 11.3.2 Quantas Mulheres: _____

ANEXO

ANEXO A – Fotos do sistema produtivo do cacau nativo.



FIGURA 4 - Cacaueiro nativo.



FIGURA 5 - Transporte do cacau.



FIGURA 6 - Barco de coleta do cacau.



FIGURA 7 - Quebra dos frutos no barco.



FIGURA 8 - Amêndoas fermentando.



FIGURA 9 - Secagem das sementes.

ANEXO B – Fotos da realidade dos produtores de cacau nativo.



FIGURA 10 - Entrevista com José.



FIGURA 11 – Entrevista com Francisco.



FIGURA 12 - Casa de madeira serrada.



FIGURA 13 - Casa de paixuba.



FIGURA 14 - Produtor fazendo farinha.



FIGURA 15 - Criança retirando leite.